



Teologia da Libertação

Editorial

“Ele se aniquilou...” e “todas as vezes que fizestes ao mais pequenino dos meus irmãos, a mim o fizestes”, são os dois textos bíblicos, respectivamente, Filipenses 2, 7 e Mateus 25, 40, mais citados nesta edição da Semana Santa. A divindade de Jesus se manifesta precisamente na sua radical humanidade. O encontro gratuito com o Senhor presente no pobre é o que faz emergir uma nova práxis.

A recente ‘notificatio’ do Vaticano sobre duas obras cristológicas de Jon Sobrino, teólogo jesuíta, motivou o tema de capa da revista IHU On-Line desta semana. Leonardo Boff, João Batista Libânio, Faustino Teixeira, José Maria Vigil, Luiz Felipe Pondé, o teólogo anglicano John Milbank e a nota do centro Cristianisme i Justícia de Barcelona debatem a Teologia da Libertação.

O impacto e as reações à censura de Jon Sobrino foi amplamente repercutida na página virtual do IHU. Jon Sobrino, jesuíta que sobreviveu à chacina de seis companheiros que com ele trabalhavam na Universidade

Centro Americana - UCA, em San Salvador, inclusive o reitor Ignácio Ellacuría, é um dos teólogos mais proeminentes da Teologia da Libertação. Ele foi um dos principais assessores teológicos de D. Oscar Romero, arcebispo de San Salvador, assassinado há 27 anos. Assim, a censura do Vaticano a Jon Sobrino é simbolicamente muito forte. Mais ainda se se leva em conta que a ‘notificatio’ é publicada dois meses antes do início da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida.

Agradecemos de maneira especial a Faustino Teixeira, professor do PPG em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora foi pela parceria na organização desta edição.

A todas e todos desejamos uma Feliz Páscoa da Ressurreição do Senhor!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Leonardo Boff: “Roma está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação”

PÁGINA 09 | Jose Maria Vigil: “É necessário que a teologia saia à praça pública. As possibilidades são imensas”

PÁGINA 14 | João Batista Libânio: Mais que Teologia, trata-se de uma Igreja da Libertação

PÁGINA 20 | Faustino Teixeira: Teologia da Libertação: a contribuição mais original da América Latina para o mundo

PÁGINA 27 | Luiz Felipe Pondé: A Teologia da Libertação: será que ela não crê demasiadamente nas promessas modernas e na sua gramática hermenêutica?

PÁGINA 31 | John Milbank: A Teologia da Libertação e a história do pensamento socialista cristão

PÁGINA 37 | A nota de ‘Cristianisme i Justícia’ de Barcelona: A propósito da “Notificação” sobre as obras de Jon Sobrino

B. Destaques da semana

» Livro da Semana

PÁGINA 40 | James R. GAINES. *Uma noite no palácio da razão*, São Paulo: Record, 2007

» Artigos da Semana

PÁGINA 42 | Bach e a dramaturgia da conversão

PÁGINA 44 | Hegel. “A fenomenologia do espírito”. 200 anos

PÁGINA 48 | Georgescu-Roegen, criador da bioeconomia, revisitado

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 50 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 52 | Agenda da Semana

PÁGINA 52 | Fábio Alexandre: *A agenda*, de Laurent Cantet

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 54 | Lisiane Domingues Schons

» IHU Repórter

PÁGINA 57 | Marilene Maia

“Roma está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação”

ENTREVISTA COM LEONARDO BOFF

Na entrevista que concedeu com exclusividade para a IHU On-Line, o teólogo Leonardo Boff Sobrino pensa a tarefa da teologia a partir das vítimas e do povo crucificado, “o que exige da Igreja uma clara opção pela vida destes todos. Essa conversão custa muito àqueles estratos da instituição que, de certa forma, se fossilizaram em seu status quo”.

Renomado teólogo brasileiro, Leonardo Boff foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982) foi condenado pela Congregação para a Doutrina da Fé do Vaticano. Deixou, então, a Ordem dos Freis Franciscanos e desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística, entre os quais citamos Ética da Vida (Rio de Janeiro: Sextante, 2006) e Virtudes para outro mundo possível II: convivência, respeito e tolerância (Petrópolis: Vozes, 2006). Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de natal da IHU On-Line, número 209, de 18 de dezembro de 2006.



Eis a entrevista de Leonardo Boff à IHU On-Line, por e-mail.

IHU On-Line - A recente notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre duas obras de Jon Sobrino coloca novamente em pauta a Teologia da Libertação. Por que motivo esta teologia, que alguns chegam a considerar defunta, continua provocando tanta inquietação?

Leonardo Boff - Esta teologia está viva em todas as Igrejas que tomaram a sério a opção pelos pobres, contra a pobreza, e em favor da vida e da liberdade. O Fórum Social da Teologia da Libertação, celebrado uma semana

antes do último Fórum Social Mundial, em Porto Alegre¹, trouxe 300 representantes de todos os continentes e mostrou a vitalidade desta teologia. A notificação contra

¹ Aqui o entrevistado se refere ao I Fórum Mundial de Teologia e Libertação realizado em Porto Alegre de 21 a 25-01-2005. O II Fórum Mundial de Teologia e Libertação aconteceu em Nairóbi, Quênia, de 16 a 19-01-2007. Sobre esse evento, confira as entrevistas *Fórum Mundial de Teologia e Libertação: espiritualidade para um outro mundo possível*, concedida pelo frei capuchinho Luiz Carlos Susin ao site do IHU em 15-01-2007, e *II Fórum Mundial de Teologia e Libertação*, publicada em 09-02-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

Jon Sobrino¹, um dos mais significativos teólogos da libertação, mostra que Roma está reagindo porque, no meu modo de ver, está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação. Os dois documentos, um de 1984 e o outro de 1986, não conseguiram abafar esta teologia. Como ela nasceu ouvindo o grito dos oprimidos e hoje este grito aumentou e virou clamor, ela tem todas as razões para continuar viva. Hoje não apenas os pobres gritam, como também gritam as águas, as florestas, os animais e a própria Terra sob a agressão sistemática do modo de produção e consumo globalizado. Assim, surgiu uma vigorosa ecoteologia da libertação, nascida na América Latina e assumida em muitas igrejas e universidades do primeiro mundo. Jon é incômodo à ideologia vigente no Vaticano, cujo objetivo é articular a Igreja Católica com os poderes emergentes. Ele, Sobrino, pensa a tarefa da teologia a partir das vítimas e do povo

¹ Jon Sobrino: nascido em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938, entrou para a Companhia de Jesus em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutourou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann”. É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teologia Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas Notícias Diárias, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da *IHU On-Line*, de 28-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

crucificado, o que exige da Igreja uma clara opção pela vida destes todos. Essa conversão custa muito àqueles estratos da instituição que, de certa forma, se fossilizaram em seu *status quo*.

IHU On-Line - Uma das grandes dificuldades da ortodoxia católica com respeito à Teologia da Libertação é a afirmação de uma nova hermenêutica que envolve uma ortopraxis. Jon Sobrino fala em hermenêutica da práxis. Para ele, não há como compreender Jesus fora da prática de seu seguimento. Qual o alcance dessa reflexão teológica e em que medida ela provoca uma mudança na reflexão cristológica em curso?

Leonardo Boff - A teologia mesmo tradicional sempre afirmou que a missão da teologia não se esgota na simples compreensão da fé, mas deve sempre pensar a fé informada pela caridade que leva à prática. De mais a mais não é dizendo “Senhor, Senhor”² e fazendo cristologia que estamos sendo fiéis à mensagem de Cristo, mas “fazendo a vontade do Pai” que significa uma prática. Em outras palavras, o que salva de fato não é a ortodoxia, mas a ortopraxis, não as prédicas, mas as práticas. Na América Latina esta exigência de prática se chama “seguimento de Jesus”, que implica valorizar sua prática libertadora, escutar sua mensagem especialmente aquela que dá centralidade aos pobres (serão nossos juízes definitivos, segundo Mateus, 25³) e compartilhar de seu destino que pode ir da maledicência, passando pela tortura, até a morte. Não é sem razão que a única Igreja hoje que possui mártires desde leigos,

² Confira Mateus 7, 21 onde se lê: “Jesus disse: Nem todo aquele que diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino do Céu. Só entrará aquele que põe em prática a vontade do meu Pai, que está no céu”. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Aqui o entrevistado faz referência ao texto de Mateus 25,31-46. (Nota da *IHU On-Line*)

religiosos(as), padres e até bispos como Dom Romero¹ de El Salvador e Dom Angelelli² da Argentina, é a Igreja da libertação. Jon Sobrino mesmo é um sobrevivente do fuzilamento de toda a sua comunidade jesuítica de El Salvador, 6 confrades, além da cozinheira e sua filha de 15 anos. Salvou-se porque nessa noite estava fora de casa³. Toda esta temática que envolve tensões e conflitos não agrada Roma, que sempre busca composições para manter uma paz que é aparente e uma harmonia que é duvidosa.

IHU On-Line - Na recente notificação sobre as obras de Jon Sobrino há um questionamento aos pressupostos metodológicos utilizados pelo teólogo de El Salvador, em particular a idéia da Igreja dos pobres como lugar teológico fundamental. Como situar a centralidade da questão dos pobres na Teologia da Libertação?

Leonardo Boff - Há uma diferença fundamental entre o método convencional de se fazer teologia nos centros metropolitanos de teologia e no Vaticano e o nosso da América Latina. Essa diferença ficou clara na recente *Exortação Apostólica Sacramento da Caridade*, do atual

¹ **Dom Oscar Romero** (1917-1980): arcebispo católico, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. Sobre Dom Romero, confira a notícia El Salvador prepara-se para comemorar martírio de dom Romero, publicada no site do IHU em 17-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

² **D. Enrique Angelelli** (1923-1976): assassinado pela ditadura militar por sua defesa da causa dos empobrecidos. Na década de 1970, Angelelli era a figura mais progressista da Igreja argentina. Confira no site do IHU de 05-08-2006, editoria *Notícias diárias* a notícia *Depois de 30 anos de silêncio, Igreja da Argentina homenageia Angelelli, morto pela ditadura*. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Esse episódio aconteceu no dia 15 de novembro de 1988. O jesuíta Ignácio Ellacuría, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador, foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade Centro Americana, confiada à Companhia de Jesus, uma importante força na luta pela promoção da justiça social. Ellacuría era reitor da

Papa Bento XVI. Esse documento com mais de cem páginas se estrutura em três partes: a primeira, a Eucaristia objeto de fé; a segunda, a Eucaristia, objeto de celebração; e a terceira, a Eucaristia objeto de vivência. Curiosamente, nesta última parte o documento entra na realidade conflitiva do mundo atual, da fome, das guerras e das ameaças ecológicas. Mas isso nada tem a ver com as duas primeiras partes. Portanto, parte-se de cima para baixo, da fé, da tradição e da celebração litúrgica. Só depois se derivam conseqüências. É uma teologia das conseqüências. Nós, da América Latina, inclusive os documentos oficiais da Igreja latino-americana, como Medellín⁴ (1968), Puebla⁵ (1979) e Santo Domingo⁶ (1992), partimos da última parte, quer dizer, da realidade. Esta não vem apenas referida, mas analisada com os instrumentos das ciências sociais, históricas, antropológicas, ecológicas e pedagógicas. Isso para evitar a mera relação de fatos sem discernir as

Universidade Centro Americana. Sobrino, naquele momento, estava na Tailândia, participando de um seminário. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Documento de Medellín**: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da *IHU On-Line*).

⁵ A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla, México, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 e reafirmou a opção pelos pobres feita em Medellín. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, confirmada por João Paulo I e inaugurada pelo Papa João Paulo II. O tema desta conferência foi "Evangelização no presente e no futuro da América Latina". (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ A Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo no período de 12 a 28 de outubro de 1992. A Conferência foi convocada e inaugurada pelo Papa João Paulo II. A convocação colocou em evidência o quinto centenário da evangelização da América. O Papa propôs à Conferência os temas "Nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã". (Nota da *IHU On-Line*)

inter-relações entre eles e suas causalidades. Procuram-se as estruturas que funcionam na base destes fatos e que produzem as contradições. Só depois invocamos a Escritura, a Tradição e o Magistério para iluminar, criticar e ressaltar pontos centrais da realidade que deve ser assumida pela Igreja, no caso, pelas Igrejas. Essa virada metodológica é de difícil aceitação por parte do Vaticano e também das teologias progressistas européias e norte-americanas. Antes de tudo, porque a maioria não sabe fazer uma análise consistente da realidade e depois incorporaria outros olhos, com os quais se lê a realidade e os textos fundadores da fé. O método é mais que método. É uma verdadeira conversão pessoal e institucional. Quando partimos da realidade, encontramos, escandalosamente à vista, os pobres e os oprimidos. Escutamos seus gritos, vemos suas chagas. E aí a atitude básica é aquela de Jesus: *miserior super turbas*¹. E sentimos a urgência de nos solidarizar, aliviar suas cruzes e colaborar para que saiam desta anti-realidade. Operar isso é obra das Igrejas da libertação e da reflexão que as acompanha, que é a teologia e a pedagogia de libertação.

IHU On-Line - Ainda na notificação sobre as obras de Jon Sobrino há uma inquietação sobre a ênfase dada pelo autor no Jesus histórico, bem como na sua relacionalidade. Na visão de Sobrino, torna-se problemática a absolutização absoluta de Cristo, ou seja, o esquecimento da dupla relacionalidade de Jesus: com o reino de Deus e o Deus do reino. Está havendo um certo risco de cristomonismo, na tendência em curso de questionamento do "reinocentrismo da Teologia da Libertação e o que isso significa para a Igreja na América Latina?

¹ Confirma Mateus 9, 36: "Jesus, vendo as multidões, teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas como ovelhas que não têm pastor". (Nota da *IHU On-Line*)

Leonardo Boff - O risco teológico mais antigo da Igreja Romana é o cristomonismo, quer dizer, a ditadura de Cristo na Igreja e no mistério da salvação. Em primeiro lugar há que se afirmar que Jesus é Filho de Deus e não simplesmente Deus, o que remete para o Pai, que na relação com o Filho faz proceder o Sopro, que é o Espírito. Portanto, a inteira Trindade está presente na história e no processo de salvação e libertação. O conceito mais englobante e ligado à prédica de Jesus é a categoria Reino que envolve toda a criação, as sociedades humanas e as pessoas para culminar no Reino da Trindade. Dar centralidade ao Reino é sermos fiéis ao Jesus histórico, que não se preocupou com a Igreja, mas com o Reino e, ao mesmo tempo, considerarmos que nada está fora do Reino, categoria globalizadora de todas as instâncias do real. Jon Sobrino tem enfatizado que a construção do Reino se faz sempre contra o Anti-Reino, que é uma energia de oposição e anti-crística que encontra base na realidade e foi ela quem assassinou Jesus Cristo e os mártires de toda a história. A categoria Reino, bem como a categoria de Povo de Deus, não são bem vistas pela teologia institucional de Roma porque relativizam a Igreja e fazem dela apenas Sacramento do Reino, mediação do Reino, pálida presença do Reino no mundo, mas nunca o próprio Reino identificado com a Igreja. Essa humildade de ser apenas a vela e não a chama é difícil para uma Igreja que se auto-finalizou e se considera como uma espécie de galáxia englobando todos os sistemas e subsistemas.

IHU On-Line - Quais são os desafios do pluralismo religioso hoje, para o fazer teológico na América Latina?

Leonardo Boff - O desafio primeiro é reconhecer o fato do pluralismo religioso. Isso não constitui uma patologia ou decadência, mas um dado positivo de realidade. É mais ou menos como a biodiversidade. Terrível seria se, na natureza, houvesse apenas *pinus eliotis* ou baratas. A

riqueza está na biodiversidade ecológica analogamente ao valor da diversidade religiosa. Cada expressão religiosa revela algo do Mistério de Deus e nenhuma pode pretender possuir qualquer monopólio, nem da revelação nem dos meios de salvação. A graça e o propósito salvador de Deus perpassam toda a realidade e são oferecidos a todos. O segundo desafio se prende ao valor que damos a esta diversidade. Já o disse: são formas diferentes de expressar o Mistério, e por isso devemos aprender uns dos outros, nos enriquecermos com as trocas, os diálogos e as buscas de convergências, em vista do serviço espiritual dos povos, alimentando neles a chama sagrada da presença de Deus que está na história e no coração de todos. Temos ainda muito que andar para realizarmos esta tarefa. Mas, pelo menos, não temos ainda guerras de religião e entre fundamentalismos que já estão surgindo entre nós.

IHU On-Line - Em recente artigo, o teólogo Clodovis Boff¹ assinalou que a Conferência de Aparecida não poderá ser a repetição, ainda que atualizada, das Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, mas deverá, sim, inovar em sua forma e acento, face aos novos sinais dos tempos. Será o caso? Por quê?

Leonardo Boff - Eu creio que Aparecida deve consagrar a caminhada do magistério das Igrejas latino-americanas, pois não ganhou ainda sustentabilidade e reconhecimento oficial, especialmente por parte do Vaticano. Ai há pontos inegociáveis, como a libertação (Medellin), a opção pelos pobres (Puebla) e a inculturação (Santo Domingo). Mas não basta patinar sobre o mesmo chão. Importa ver quais são os sinais dos tempos hoje e com referência a eles pronunciar uma palavra adequada que tenha o significado de uma boa nova. Os cristãos têm direito de pedir isso a seus

¹ Clodovis Boff: teólogo e filósofo brasileiro, doutor em Teologia pela Universidade de Louvain, Bélgica. Sua última obra é *Introdução à Mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

pastores. Creio que continua de pé ainda o clamor dos pobres, as desigualdades e injustiças, mas valorizando o que eles estão fazendo em seus movimentos, partidos e articulações de trabalhadores, índios, negros, mulheres. Esses sujeitos históricos se cansaram das elites e resolveram votar em si mesmos e em representantes que vêm de seu meio, assim no Brasil, na Bolívia, no Equador e em outros lugares. Depois, há a urgência que nos vêm do fato de que a Terra vai encontrar um novo equilíbrio aumentando seu aquecimento em até 3-4 graus Celsius, o que pode implicar a criação de milhões e milhões de vítimas e uma fantástica dizimação de seres vivos, emigrações numerosíssimas, destruição de cidades marítimas e outras conseqüências ligadas às mudanças climáticas, gerando fome e sede para milhões por causa da destruição das safras. Todas estas questões estão na ordem do dia das políticas mundiais e deveriam estar na agenda pastoral de nossas Igrejas. Dai a importância de Aparecida estar atenta aos novos sinais dos tempos. Se não estiver atenta aos tempos, como vai ler os sinais dos tempos?

IHU On-Line - Quais são as perspectivas para a 5ª Assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana em Aparecida, depois da *notificatio* sobre a obra de Jon Sobrino?

Leonardo Boff - Creio que não vai ter muita influência negativa. A condenação de escritos de Jon Sobrino, no meu modo de ver, e isso é acenado por ele mesmo, em sua carta ao Geral de sua Ordem, se deve ao *furor condemnandi* da Teologia da Libertação, furor presente no grupo latino-americano de Cardeais e altos funcionários da Cúria Romana. Não é mistério a oposição sistemática que fazem o Card. Alfonso López Trujillo²,

² Alfonso López Trujillo: cardeal colombiano, presidente do Pontifício Conselho da Família do Vaticano. (Nota da *IHU On-Line*)

Dario Castrillon Hoyos¹ e Lozano Barragan² e, não em último lugar, Dom Karl Joseph Romer³, ex-bispo auxiliar do Rio de Janeiro e agora em Roma, sempre zeloso em identificar erros e heresias possíveis em bispos e em teólogos. Eles estão para se aposentar. Quiseram fazer um agrado ao Papa, limpando o terreno para sua vinda ao Brasil, condenando a Jon Sobrino. Batem nele, mas pensam na Igreja latino-americana que querem reenquadrar no processo persistente de romanização que foi iniciada por João Paulo II e está sendo levada avante pelo atual papa.

¹ **Dario Castrillón Hoyos**: cardeal colombiano, foi Prefeito da Congregação para o Clero antes de D. Cláudio Hummes. É ex-secretário-geral e ex-presidente do CELAM (Nota da *IHU On-Line*)

² **Javier Lozano Barragán**: cardeal mexicano, presidente do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Agentes Sanitários da Cúria Romana, o que na prática equivale a dizer que é um “ministro da saúde”. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Dom Karl Joseph Romer**: cardeal suíço, secretário do Pontifício Conselho para a Família. Foi auxiliar de D. Eugenio Sales na Arquidiocese do Rio de Janeiro. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Quais são as possibilidades e os limites da criação de novos espaços para o exercício da reflexão teológica latino-americana, para uma teologia cada vez mais pública?**

Leonardo Boff - Estimo que os leigos devem mais e mais assumir a tarefa da teologia e mais ainda, de salvaguardar a herança de Jesus, contra a mediocrização a que está sendo submetida por uma política vaticana mais carnal que espiritual, mais centrada no poder que no carisma, mais eclesiocêntrica do que reinocêntrica. Eles, como leigos, não estão ao alcance das instituições de vigilância dos órgãos doutrinários do Vaticano. E a maioria está dentro das universidades do Estado e por isso gozam da proteção da liberdade acadêmica e das leis, pois o Vaticano passa por cima até dos direitos mais comecinhos quando quer salvaguardar seus interesses. Houve épocas no começo da Igreja nas quais quase todos os bispos viraram hereges nestorianos. Foram os leigos que salvaram a ortodoxia cristológica e mariológica. Talvez hoje estejamos enfrentando situação semelhante.

“É necessário que a teologia saia à praça pública. As possibilidades são imensas”

ENTREVISTA COM JOSE MARIA VIGIL

De acordo com o teólogo José Maria Vigil, em entrevista à IHU On-Line concedida por e-mail, “enquanto houver pobres ou injustiçados no mundo e houver simultaneamente fé, terá de haver ‘fé libertadora’, e sua auto-reflexão será a teologia da libertação”. Vigil é licenciado em Teologia pela Universidad Pontificia de Salamanca. Na Universidade de Santo Tomás de Roma, obteve a licenciatura em Teologia Sistemática. Foi ordenado sacerdote em 1971. Seu livro Espiritualidad de la liberación foi escrito em parceria com Pedro Casaldáliga (Sal Terrae: Santander, 1992). Vigil costuma dizer que nasceu uma vez em Zaragoza, Espanha, e uma segunda vez em Manágua, Nicarágua. Durante treze anos, trabalhou na Nicarágua e, atualmente, mora e trabalha no Panamá.

José Maria Vigil é autor do livro Teologia do Pluralismo Religioso. Para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006. O livro é apresentado por Andrés Torres Queiruga e tem um posfácio de José Comblin. Ele publica há treze anos, anualmente, a Agenda latino-americana (em seis idiomas e em 18 países).

Faz parte da Comissão Teológica da ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo) e é o idealizador e realizador dos “Servicios Koinonía”, um site que serve de ponto de encontro com a Teologia e a Espiritualidade da Libertação Latino-americanas (www.servicioskoinonia.org). Vigil foi entrevistado sobre o lugar da Igreja na sociedade contemporânea em função dos 40 anos da Encíclica Gaudium et Spes, tema do número 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005.

IHU On-Line - A recente notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre duas obras de Jon Sobrino coloca novamente em pauta a Teologia da Libertação. Por que motivo esta teologia, que alguns chegam a considerar defunta, continua provocando tanta inquietação?

José Maria Vigil - Obviamente, porque não está morta. Mesmo que alguns tenham proclamado, nos anos 1990, que já teria morrido, o novo Papa tem tido que se preocupar com ela nestes últimos dias, e eu penso que

não é que tenha ressuscitado: a teologia em questão talvez seja dessa classe de “mortos que nunca morrem”. Porque, como temos dito tantas vezes, enquanto houver no mundo pobres (ou “injustiçados”, mais ampla e profundamente) e houver simultaneamente fé, haverá, terá de haver, “fé libertadora”, e sua auto-reflexão será a teologia da libertação, com esse ou qualquer outro nome.



IHU On-Line - Uma das grandes dificuldades da ortodoxia católica com respeito à teologia da libertação é a afirmação de uma “nova hermenêutica” que envolve uma ortopraxis. Jon Sobrino fala em “hermenêutica da práxis”. Para ele, não há como compreender Jesus fora da prática de seu seguimento. Qual o alcance dessa reflexão teológica e em que medida ela provoca uma mudança na reflexão cristológica em curso?

José Maria Vigil - Sim, não é Sobrino quem dá essa relevância à praxis; é toda a teologia da libertação que o diz e que o pratica, e toda a Igreja latino-americana (a que é verdadeiramente latino-americana, não a que está na América Latina, mas pensa e sente e vive com padrões forâneos). Foi já Medellín que introduziu essa “interpretação do cristianismo a partir da práxis”. Com o qual não introduzia nada novo; simplesmente recuperava um traço muito original do cristianismo, que foi silenciado e esquecido quando o cristianismo passou pelo filtro da cultura grega.

Veja, até nos dias de Pio XII¹, nos anos imediatamente anteriores ao Concílio, na encíclica “*Mystici Corporis*”² desse Papa, por exemplo, se você não mexe com a doutrina oficial, não acontece nada grave a respeito da sua identidade cristã; você pode ser um criminoso, mas não deixa de ser cristão; será um mau cristão, mas indiscutivelmente cristão. Pelo contrário, se você é um “santo” e entrega diariamente sua vida para os irmãos, mas duvida que se possa afirmar que “*Maria é Mãe de Deus*”, aí você caiu no abismo, e de nada lhe servirá a sua santidade, porque nem cristão poderá ser considerado. É que na visão tradicional (mais de milênio

¹ Pio XII (1876-1958): foi Papa do dia 2 de março de 1939 até a data da sua morte. Foi o primeiro Papa Romano desde 1724 e único Papa do século XX a exercer o Magistério Extraordinário da infalibilidade papal. (Nota da *IHU On-Line*)

² *Mystici Corporis*: Carta Encíclica do Papa Pio XII, de 1943, traduzida como o Corpo Místico de Jesus Cristo e nossa União Nele com Cristo. (Nota da *IHU On-Line*)

e meio) o importante era a opinião, o pensamento, a aceitação intelectual da doutrina, ou seja, a “ortodoxia”, a “correta-opinião”. O compromisso na vida, o amor efetivo... podia ser desculpado. A Teologia da Libertação resgatou, entre outras muitas coisas, a primazia da “orto-praxis”, da “correta-prática”.

Então, ser cristão já não é, sobretudo, crer em uma doutrina, mas viver uma prática. Já não é recitar o credo, mas “viver e lutar pela Causa de Jesus”, conforme expressão de Boff³. O mais importante não é “crer em Jesus”, mas “crer como Jesus”, se virar na vida como ele se virou...

Esta guinada da interpretação do cristianismo, da doutrina para a prática, é também outra das coisas pelas quais a Teologia da Libertação “continua provocando tanta inquietação”, como dizia a pergunta anterior.

IHU On-Line - Na recente notificação sobre as obras de Jon Sobrino há um questionamento aos pressupostos metodológicos utilizados pelo teólogo de El Salvador, em particular a idéia da “Igreja dos pobres” como lugar teológico fundamental. Como situar a centralidade da questão dos pobres na teologia da libertação?

José Maria Vigil - Jon diz que, mais do que as outras acusações da notificação - que parecem mais dogmáticas, mais susceptíveis de clássicas heresias -, é a centralidade que a Teologia da Libertação reclama para os pobres, o que no fundo mais inquieta em Roma. Com

³ Leonardo Boff (1938-): Teólogo brasileiro, da ordem dos franciscanos. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982, foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com ele sobre o tema da teologia da libertação. (Nota da *IHU On-Line*)

efeito, a Teologia da Libertação reclama que na Bíblia, no evangelho, em Jesus, na sua mensagem, os pobres, como símbolo de todos os “injustiçados”, ocupam não um lugar importante, derivado ou secundário, senão um lugar central, primário e onipresente. De forma que não entende bem o cristianismo quem acha que os pobres, o comportamento para com eles, pertence à segunda parte, à parte moral, às conseqüências da identidade cristã, não a sua própria essência. A Teologia da Libertação pôs em prática algo que tinha sido descoberto nos estudos bíblicos e teológicos universitários mais avançados várias décadas antes: que o amor-justiça apaixonado é característica de Deus, do nosso Deus bíblico. Não capta corretamente a Deus quem não inclui os pobres nessa mesma experiência religiosa. Só um Deus que tem um projeto e uma exigência de amor-justiça para os pobres é Deus cristão e bíblico.

A experiência religiosa é diferente nas diversas religiões do mundo: umas descobrem o caminho a Deus na natureza, outras na interioridade silenciosa da consciência. A peculiaridade, o “carisma” da corrente religiosa do judeu-cristianismo é esse amor-justiça pelos pobres. Isso é central para, nós, cristãos. Então, essa recuperação da centralidade dos pobres, não só na prática moral, mas na própria concepção de Deus, ou seja, uma centralidade total, transversal a todo o patrimônio simbólico do cristianismo, recuperada agora e reivindicada pela Teologia da Libertação, depois de milênio e meio de esquecimento em favor de uma centralidade teórico-espiritualista, não é uma pedrinha no sapato, mas a lembrança constante de que a teologia da qual falamos pertence a “outro paradigma”, a outro tipo de cristianismo - que é o cristianismo original, “o jeito de toda a igreja ser”, como temos dito tantas vezes. Eis aí, novamente, mais um motivo pelo qual “a Teologia da Libertação continua provocando tanta inquietação”, como dizia a primeira pergunta.

IHU On-Line - Ainda na notificação sobre as obras de Jon Sobrino há uma inquietação sobre a ênfase dada pelo autor no Jesus histórico, bem como na sua relacionalidade. Na visão de Sobrino, torna-se problemática a “absolutização absoluta de Cristo”, ou seja, o esquecimento da dupla relacionalidade de Jesus: “com o reino de Deus e o Deus do reino”. Está havendo um certo risco de cristomonismo, na tendência em curso de questionamento do “reinocentrismo” da teologia da libertação e o que isso significa para a Igreja na América Latina?

José Maria Vigil - Eis aqui um ponto que, mesmo que seja partilhado por todos nós, acho que foi Sobrino quem mais ou melhor o elaborou e explicitou, penso eu. Ele diz: Mesmo que confessemos como divino a Jesus, Ele continua sendo “relacional” a Deus, o Deus do Reino, e ao Reino, o Reino de Deus. Mesmo que Jesus seja “o Filho”, é absolutamente “o Filho”, relacional ao Pai e ao Reino. Bom, dito com palavras simples: Jesus “veio” para nos manifestar o projeto de Deus, a sua Utopia, que então era chamada de Reino, e essa Utopia foi o seu sonho, a Causa da sua vida, o centro da sua mensagem. Quem olhando a Jesus fica enamorado dos seus olhos, e esquece o projeto do Reino, porque já tem a Jesus como absoluto, erra. Absolutiza indevidamente a Jesus. Concentra personalisticamente em Jesus sua vivência cristã, deixando fora aquilo que foi, precisamente, o absoluto para Jesus: o Reino, a utopia, a Causa pela qual viveu e morreu.

Isto tudo não é uma teoria sem conseqüências, mas a desqualificação de um tipo de cristianismo que tem sido muito comum, também durante séculos: um cristianismo muito centrado e fechado em Jesus (o Jesus esposo da minha alma, o Jesus do sacrário, o Jesus mestre só espiritual...), mas em um Jesus sem Reino, um Jesus sem projeto, sem Utopia, sem Causa, um Jesus só para a espiritualidade, mas não para viver no mundo e construir o amor-justiça na história.

E estamos novamente noutra ponta pelo qual a Teologia da Libertação “continua provocando inquietação”: porque desqualifica esse tipo de cristianismo que adora um Deus (ou um Jesus) sem Reino, que, obviamente, não é o Deus cristão. O mundo ficou dividido entre uma Igreja que tinha um Deus sem Reino, e um mundo que acreditava num Reino sem Deus. A Teologia da Libertação serviu de ponte de fato, porque só acreditava num Deus do Reino, e achava que *ubi Regnum, ibi Deus*, ou seja, onde as pessoas lutam pela utopia, aí está o Reino de Deus e o Deus do Reino. Por isso foi que nos difíceis anos 1970 e 1980, dizíamos que nos sentíamos mais unidos àqueles que lutavam pela libertação do povo do que àqueles que, às vezes, em nome do Cristo, se opunham a essa libertação.

IHU On-Line - Quais são os desafios do pluralismo religioso hoje, para o fazer teológico na América Latina?

José Maria Vigil - Esse é outro terreno. Porque é campo de outro paradigma. A Teologia da Libertação foi feita e construída nos anos pós-conciliares, quando o paradigma era o “inclusivismo” (que ainda hoje é o único pensamento oficialmente admitido). Inclusivismo é quando eu penso que há, sim, outras religiões, mas inferiores, talvez naturais intentos humanos de procurar a Deus, isto é, “crenças” religiosas que não chegam à altura da “fé”, que só nós, os cristãos, temos; e que as outras religiões são chamadas a ficar incluídas no cristianismo. Digo que este pensamento inclusivista era o âmbito no qual todos estávamos naquele tempo, e nem tínhamos capacidade de imaginação para pensar outra coisa.

Mas veio um novo paradigma, e penso que veio para ficar. É o paradigma pluralista. Não é só o “pluralismo” religioso no sentido de pluralidade de religiões. É, sobretudo, “pluralismo” no sentido de compreensão ou releitura “pluralista” do cristianismo. Repensar o cristianismo todo a partir da aceitação sincera do

pluralismo de Deus: é de Deus mesmo de quem provém a pluralidade de religiões e de caminhos. Isto apresenta uma quantidade enorme de desafios, de pensamentos e doutrinas que precisam mudar. Inclusive algumas colocações da cristologia.

Nossa Teologia da Libertação era, foi, e, em boa parte, ainda é, inclusivista. Ainda não se confrontou com o paradigma pluralista. A ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo) tem feito um esforço grande por celebrar o matrimônio entre a Teologia da Libertação e a teologia pluralista. Está na rua há vários anos a série “Pelos muitos caminhos de Deus” (veja-se em www.latinoamericana.org/tiempoaxial). A ASETT também conseguiu da revista CONCILIUM¹ publicar um número monográfico (o primeiro de 2007) sobre o tema, a partir da perspectiva latino-americana precisamente. Aí ficam expostos por extenso os muitos desafios e algumas respostas, ainda provisionais.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas para a 5ª Assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana em Aparecida, depois da “notificatio” sobre a obra de Jon Sobrino?

José Maria Vigil - A Notificação certamente justifica as piores previsões. Porque já eram passados quase dois anos sem condenações nem desqualificações, nem para a Teologia da Libertação nem para outras teologias, e muitos diziam: “os tempos mudaram; Bento XVI não é João Paulo II”. Eu, pessoalmente, nunca acreditei, mas os fatos pareciam desmentir os temores.

¹ **Concilium**: revista internacional de teologia é publicada em várias línguas. Em português é publicada pela Editora Vozes. Na primeira edição de 2007, a revista, organizada por Luiz Carlos Susin e Andrés Torres Queiruga, publica artigos de, entre outros, Faustino Teixeira (O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões), Leonardo Boff (O Cristo cósmico é maior do que Jesus de Nazaré?), Paul F. Knitter (A transformação da missão no paradigma pluralístico). (Nota da *IHU On-Line*)

Lamentavelmente, no passado dia 14 de março, com a Notificação mudou tudo. Fomos retro-traídos à etapa dos últimos 29 anos, de condenação de teólogos, especialmente da Teologia da Libertação. Aprendemos que, em efeito, Bento XVI não é João Paulo II, mas que continua sendo Joseph Ratzinger. Não houve mudança; estamos na mesma época.

Tenho alguns amigos fora da igreja que dizem para mim: só podem ter esperança os desmemoriados ou desinformados. Nesse contexto, prefiro não fazer previsões. Devo ser sincero e confessar que não tenho muita esperança em Aparecida: minha esperança salta por cima de Aparecida.

IHU On-Line - Quais são as possibilidades e os limites da criação de novos espaços para o exercício da reflexão teológica latino-americana, para uma teologia cada vez mais pública?

José Maria Vigil - Sim, atualmente, muitos “lugares teológicos” clássicos (não os de Melchor Cano¹) são lugares pouco evangélicos. Todo lugar onde não interessa procurar sinceramente a verdade, mas só repetir a

¹ **Melchor Cano**: teólogo dominicano do século XVI, que fixou os critérios que definiam os que poderiam receber a titulação “pai”. Esses seriam os que tivessem as seguintes características: a) ortodoxia doutrinária; b) santidade de vida; c) reconhecimento ao menos indireto por parte da igreja; d) antiguidade. (Nota da *IHU On-Line*)

doutrina oficial, sem questionar, sem criar, poderá ser um lugar muito acadêmico e muito oficial, mas será pouco teológico, porque pouco ou nada evangélico.

Penso, muitas vezes, que João anotou no seu evangelho só metade do que Jesus realmente quis dizer. Talvez, com os anos de aprendizado grego, João acabou só lembrando parte do que disse Jesus. Segundo João, Jesus teria dito que “só a Verdade os fará livres”, mas, para mim, é seguro que quis dizer também a outra metade: “só a liberdade os fará verdadeiros”. Só se conseguirmos nos libertar do medo, dos interesses institucionais, da rotina, da dependência do poder, do temor a dizer e publicar o que realmente vemos, só então poderemos ser verdadeiros e alcançar a Verdade.

A teologia, se for como deve querer ser, uma forma de “viver e lutar pela Causa de Jesus”, precisa dizer a verdade, goste ou não goste, e precisa denunciar todas as formas de fixidez, de idolatria. A teologia tem a obrigação de acompanhar a tantos homens e mulheres que procuram a verdade e o sentido das suas vidas, muitas vezes abandonados pelas igrejas e pelas pessoas oficialmente religiosas. É necessário que a teologia saia à praça pública, para falar ao homem e mulher da rua, acompanhando a reflexão dos lugares mais vivos do pensamento e da procura atual, que não são precisamente os lugares eclesiais. As possibilidades são imensas.

Mais que Teologia, trata-se de uma Igreja da Libertação

ENTREVISTA COM JOÃO BATISTA LIBÂNIO

“A Teologia da Libertação significa, além da produção teórica, a existência de toda uma Igreja da libertação que envolve bispos, sacerdotes, teólogos, agentes de pastoral e imensa rede de comunidades de base”, afirma João Batista Libânio, em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em Teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, é também mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Libânio leciona Teologia no Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte.

É autor de uma imensa produção teológica. Entre outros, citamos os seguintes livros: Teologia da revelação a partir da Modernidade (5. ed. São Paulo: Loyola, 2005); Eu creio - Nós cremos. Tratado da fé (2. ed. São Paulo: Loyola, 2005); Qual o caminho entre o crer e o amar? (2. ed. São Paulo: Paulus, 2005); e Introdução à vida intelectual (3. ed. São Paulo: Loyola, 2006).

Dele também foi publicado o artigo Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento no livro A Teologia na universidade contemporânea (Org. Inácio Neutzling). São Leopoldo: Unisinos. 2005, p. 13-45.

João Batista Libânio é assíduo nas páginas da revista IHU On-line. Na 103ª edição, de 31-05-2004, publicamos a entrevista sob o título Teologia, pós modernidade e universidade e dele publicou o artigo Espaço para o diálogo na 136ª edição, de 11-05-2005. Recentemente publicamos, na edição número 150, de 08-8-2005, com a entrevista “O olhar teológico sobre a paternidade”. Conferir também o artigo de , “Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento”, publicado no Cadernos Teologia Pública, número 16, 2005.

IHU On-Line - A recente notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre duas obras de Jon Sobrino coloca novamente em pauta a Teologia da Libertação. Por que motivo esta teologia, que alguns chegam a considerar defunta, continua provocando tanta inquietação?

João Batista Libânio - Especialmente no universo, as realidades contam por elas mesmas e pelo significado simbólico que exercem. A Teologia da Libertação tem consistência própria, método e conteúdo, história e atores, obras e seguidores. No debate objetivo e sereno, as críticas se fazem e se desfazem nas perguntas e respostas. Assim, tanto no interior da Teologia da



Libertação como com autores de outras tendências, têm havido naturais discrepâncias. As divergências começam e terminam no jogo das objeções e respostas. É o caminho normal da teologia. Aqui estamos no campo da objetividade dos temas tratados. Assim parece, à primeira vista, ser a intenção da Notificação. Travou com o autor diálogo de questões e respostas até que, não satisfeita, a Congregação resolveu sair do simples campo do debate e entrar pelo campo da intervenção autoritativa.

Nesse momento, interfere mais que o jogo das afirmações expressas na Notificação, o dado simbólico altamente ambivalente. A Teologia da Libertação significa, além da produção teórica, a existência de toda uma Igreja da libertação que envolve bispos, sacerdotes, teólogos, agentes de pastoral e imensa rede de comunidades de base. Surge então a dúvida sobre o verdadeiro alcance da Notificação. IHU reflete-a ao perguntar por que agora, e mais uma vez, essa condenação? Quando as águas pareciam ter voltado ao leito do rio, por que agitá-las bem antes do Encontro de Aparecida? A resposta desloca-se para o campo simbólico. Quanto ao conteúdo, nada vai mudar na cristologia, já que são afirmações dos dois lados, segundo o parecer de teólogos gabaritados, dentro da ortodoxia da Igreja. Mas a suspeita não pertence ao campo do verificável e discutível, e sim do simbólico. A meu ver, seguirão duas reações antitéticas e não teria condições de assinalar a hegemônica. Feridos, muitos reagirão na defesa de Jon Sobrino, de sua cristologia, mas, sobretudo, do que ele significa. Pode-se perceber que a maioria dos artigos que se escrevem acentua o aspecto simbólico da pessoa de Jon Sobrino, julgando que aí está o nó da questão. Outros, porém, se servirão de tal condenação para deslegitimar a Igreja da libertação e, assim, diminuir a sua influência e presença em Aparecida. No balancear de pressões se lançam as cartas do futuro da Igreja no Continente.

IHU On-Line - Uma das grandes dificuldades da ortodoxia católica com respeito à Teologia da Libertação é a afirmação de uma “nova hermenêutica” que envolve uma ortopraxis. Jon Sobrino fala em “hermenêutica da práxis”. Para ele, não há como compreender Jesus fora da prática de seu seguimento. Qual o alcance dessa reflexão teológica e em que medida ela provoca uma mudança na reflexão cristológica em curso?

João Batista Libânio - A própria hermenêutica, como tal, já representa problema para os que se atêm aos diferentes tipos de fundamentalismo e de ortodoxias rígidas. As religiões do livro - judaísmo, cristianismo e islamismo - sofreram, ao longo da história, irrupções literalistas que continuam até hoje. Há tanto legítima volta às fontes como retorno à literalidade do texto. A hermenêutica equilibra-se entre leituras subjetivistas, emocionais, aleatórias dos textos sagrados - o famigerado relativismo e subjetivismo - e o apego à rigidez literal do texto. Interpreta-o para os contextos geográficos, culturais, históricos diferentes. E nessa tarefa esbarra com a incompreensão, especialmente das instituições oficiais, que se arvoram em única instância interpretativa válida. A Teologia da Libertação desviou o lugar de interpretação, não no sentido de substituir a Revelação, mas no de fazer a pergunta à Revelação e, portanto, de influenciar nas respostas. Tarefa em si legítima. Pertence à natureza do conhecimento humano interpretar a situação em que vive. Só que a teologia escolheu a práxis, não no sentido marxista de determinadora única e máxima do ser humano e de sua cultura - interpretação que desafetos e desconhecedores da Teologia da Libertação lhe objetam -, mas no sentido da opção de Jesus pelos pobres. Desde essa prática de Jesus, escandalosamente atestada nos evangelhos, e reformulada de maneira universalizante por Paulo (Fl 2,

7)¹, a Teologia da Libertação relê a Revelação. Lugar privilegiado para fazê-lo, já que o próprio Jesus o fez. E como o termo práxis soa duro aos ouvidos de muitos, esquece-se que está por detrás uma opção teológica que a alimenta, a julga. E não o contrário.

IHU On-Line - Na recente notificação sobre as obras de Jon Sobrino há um questionamento aos pressupostos metodológicos utilizados pelo teólogo de El Salvador, em particular a idéia da “Igreja dos pobres” como lugar teológico fundamental. Como situar a centralidade da questão dos pobres na Teologia da Libertação?

João Batista Libânio - São conhecidas as afirmações de João XXIII² e do Cardeal Lercaro³ de que o Concílio Vaticano II repusesse no centro a Igreja dos pobres. Portanto, afirmação de alta respeitabilidade na Igreja católica. A afirmação fica vazia quando soa literalmente e não é pensada nas conseqüências e implicações. Foi isso que a Teologia da Libertação quis fazer com a centralidade dos pobres. Perguntou-se inocentemente a que conclusões pastorais e teológicas ela levaria. No momento em que se pensa seriamente uma Igreja a partir dos pobres, dois problemas emergem imediatamente e que tocam, em profundidade, a instituição eclesial: o poder e os ministérios. Embora pertença às evidências de Jesus que o poder na Igreja só tem sentido como serviço, a história tem mostrado a dificuldade enorme de realizá-lo. O famoso historiador

¹ “Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens”. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Ângelo Roncalli**: eleito Papa, em 1958, tomou o nome de João XXIII. O Concílio Vaticano II foi convocado por João XXIII no dia 25 de janeiro de 1959. O Concílio iniciou no dia 11 de outubro de 1962 e terminou no dia 8 de dezembro de 1965. (Nota do *IHU On-Line*).

³ **Cardeal Giacomo Lercaro** (1891-1976): arcebispo de Bolonha, Itália, de 1952 a 1968. Foi um dos quatro moderadores do Concílio Vaticano II. Entre os outros estavam o Cardeal Döpfner de Munique e o Cardeal Suenens de Bruxelas. (Nota do *IHU On-Line*).

católico Jean Delumeau⁴ conclui de estudos sobre os tempos medievais a clara lição de que o poder não evangeliza, especialmente quando assume as tonalidades dos reinos da terra. O *non possumus* de Pio IX⁵, referindo-se à impossibilidade de exercer o ministério petrino sem os territórios pontifícios, inverte a perspectiva evangélica. Mais correto teria ter dito: agora sim, desprovidos do poder temporal, podemos evangelizar. A Teologia da Libertação aposta no projeto evangelizador a partir das comunidades eclesiais de base. Bispos e teólogos forjaram a expressão: “novo modo de ser Igreja”. E continua como desafio de futuro uma Igreja que se estruture em comunidades de base de modo que o ministério ordenado - pontifício, episcopal e presbiteral - e adquira novas configurações. O próprio João Paulo II, em outra perspectiva, pedia a ajuda para reformular o exercício do ministério petrino, convencido de que ele era impedimento para o ecumenismo. Na esteira dessa reflexão do papa, não parece despropósito afirmar que o exercício atual do ministério ordenado, muitas vezes, impede, em vez de fomentar a vida

⁴ **Jean Delumeau** (1923): historiador francês. Suas obras mais conhecidas dos brasileiros, foram, por décadas, *Nascimento e Afirmação da Reforma* e *O Catolicismo de Lutero a Voltaire*. Dois manuais, publicados na coleção “Nouvelle Clio” [da editora francesa PUF], que puseram em cena - e em xeque - as duas grandes pastorais da época moderna. De um lado, a crítica radical das reformas, com sua justificação pela fé, sua doutrina do sacerdócio universal, seu apego à infalibilidade da Bíblia, do que resultou, entre outras coisas, a alfabetização das massas e o êxito do texto escrito. De outro, a pastoral da igreja de Roma e sua valorização do misticismo regrado, da canonização dos militantes, das hierarquias, das imagens, das procissões, da Virgem Maria, do que resultou o espetáculo do barroco. O principal da obra de Delumeau, no entanto, se compõe de sete livros que integram um dossiê, como diz o autor no prefácio à edição brasileira de *O Pecado e o Medo*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Pio IX** (1792-1878): nascido Giovanni Maria Mastai-Ferretti, foi Papa durante mais de 31 anos, entre 16 de Junho de 1846 e a data do seu falecimento. Era Frade Dominicano. Ele é autor do Syllabus. (Nota da *IHU On-Line*)

comunitária, a real evangelização. Bom assunto para Aparecida.

IHU On-Line - Ainda na notificação sobre as obras de Jon Sobrino há uma inquietação sobre a ênfase dada pelo autor no Jesus histórico, bem como na sua relacionalidade. Na visão de Sobrino, torna-se problemática a “absolutização absoluta de Cristo”, ou seja, o esquecimento da dupla relacionalidade de Jesus: “com o reino de Deus e o Deus do reino”. Está havendo um certo risco de cristomonismo, na tendência em curso de questionamento do “reinocentrismo” da Teologia da Libertação e o que isso significa para a Igreja na América Latina?

João Batista Libânio - Filósofica e teologicamente permanece grave problema a articulação entre o absoluto e o relativo nas verdades e valores. A afirmação “absoluta” do princípio do relativismo conduz à evidente contradição nas próprias palavras, diria a lógica menor. Relativismo absoluto é círculo quadrado. E a negação de todo absoluto implica que não exista Deus e que somos pura relatividade e nada mais. Evidentemente, nenhum teólogo de são juízo afirma tal monstruosidade teórica e prática. Outra coisa é afirmar o absoluto das formulações. Toda expressão histórica da verdade, do bem, dos valores carrega certa relatividade, embora afirme, ao mesmo tempo, que aí está presente algo de absoluto.

No caso da relação entre Jesus e o Reino, entre Jesus e o Pai, há um elemento relativo. Quando Jesus afirma que o Pai é maior do que ele, manifesta o limite de sua consciência humana histórica. Mas, ao mesmo tempo, ele poderia dizer que na sua última raiz ele se constitui pela relação com Pai. O termo relação é tão denso e forte que a teologia trinitária o escolheu para definir as pessoas divinas. Tem um sentido diferente do que usamos para as relações acidentais da vida. Pela observação de nossas experiências, percebemos a diferença de relações que

estabelecemos desde aquelas bem superficiais com coisas que nos cercam, passando pelas que nos vinculam a compromissos e pessoas, até aquela com Deus criador e salvador que nos constitui. Tanto é válido dizer que o Reino de Deus e o Deus do Reino são maiores que Jesus quanto dizer que ele se define constitutivamente por eles numa igualdade radical. Jesus disse que faríamos coisas maiores do que ele. Frase ousada. Mas sabemos que não o fazemos sem presença dele. As afirmações valem no contexto em que se dizem e na perspectiva em que foram pensadas e não arrancadas dele e lidas sob outra luz.

IHU On-Line - Quais são os desafios do pluralismo religioso hoje, para o fazer teológico na América Latina?

João Batista Libânio - Capítulo amplo para discussões. Há consensos estabelecidos. Não se dialoga sem clareza da própria identidade. Desafia-nos, portanto, aprofundar a nossa própria fé cristã. Não se dialoga sem abertura ao diferente que exige discernimento. Mentalidade fundamentalista e presa a ortodoxias não estabelece nenhum diálogo. O discernimento exerce-se na dupla linha de pedir maior clarificação e firmeza da própria fé e de contribuir para a sua purificação, despojando-a de entulhos históricos e percebendo pontos até então desconhecidos. Nesse nível de consideração tudo parece claro. Mas, quando se tocam questões particulares, surgem então as dúvidas. Estamos diante de uma verdade a ser reforçada ou de escombros de edifícios em ruínas? Em coisas concretas, as posições divergem. O Concílio Vaticano II teve coragem de realizar tal tarefa em ritos e livros litúrgicos, libertando as celebrações e rezas de calças antigas. Mas não conseguimos fazer ainda em relação a muitas estruturas, ao exercício de ministérios, a regras e normas no campo da moral. Daí os conflitos. A Teologia da Libertação pretendeu tocar alguns desses campos para dialogar com as religiões indígenas, afro e

outras. São questões difíceis, cujo equilíbrio não se adquire por decretos, mas na prática pastoral. Assim como a Igreja foi durante séculos assimilando categorias gregas, costumes romanos, leis dos povos em que se enraizava, não surpreende que hoje careçamos de tempo para ir sincretizando elementos religiosos de outras tradições e enriquecendo-as com as nossa contribuições.

IHU On-Line - Em recente artigo, o teólogo Clodovis Boff assinalou que a Conferência de Aparecida não poderá ser a repetição, ainda que atualizada, das Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, mas deverá, sim, inovar em sua forma e acento, face aos novos “sinais dos tempos”. Será o caso? Por quê?

João Batista Libânio - Propriamente dito não existe repetição na história. Cada momento é singular. Há analogias, proximidades. O jogo entre continuidade e ruptura, próprio de cada época, varia diferentemente. Vivemos provavelmente situação de profundas rupturas socioculturais e não se espera da Igreja que se imobilize e assim se distancie ainda mais dos contemporâneos. Em vários escritos preparatórios para Aparecida tem-se tornado uma tônica a dupla expectativa. De um lado, a reafirmação explícita e corajosa das opções fundamentais, ainda válidas do Concílio Vaticano II, Medellín, Puebla e Santo Domingo. De outro, o olhar profético para o novo milênio e suas expectativas. A dialética histórica avança pelos três movimentos da analogia. Retenção dos elementos positivos e válidos, a negação rotunda dos erros e limites, e a invenção do novo para os desafios que surgem também eles novos. Clodovis Boff trabalhou, já faz tempo, com maestria, a categoria “Sinais dos Tempos”. Eles são percebidos pelo duplo esforço sociocultural e teológico. Pelo primeiro olhar, captamos a realidade que se mostra relevante. Hoje, sem dúvida, o movimento ecológico, a consciência negra, a crescente relevância da mulher na sociedade e outros tantos eventos configuram-se em sinais

sociológicos do tempo. Sob a ótica da fé, os mesmos fatos adquirem novo significado, configurando-se no que chamamos de “sinais dos tempos”. Qualquer evento importante de Igreja que os desconheça perde relevância. Na história da Igreja, tornou-se exemplar de fracasso por cegueira diante dos sinais dos tempos o V Concílio de Latrão (1512-1517). Aquela reforma, que só mais tarde Trento iria realizar - já tarde para evitar a Reforma -, o V Concílio de Latrão não o fez. A divisão da Igreja ter-se-ia evitado se ele tivesse lido os sinais de inquietação no seio da Igreja. Lutero os captou, mas já não mais em comunhão com a Igreja de Roma. A responsabilidade de Aparecida consiste em perceber que problemas graves assolam o Terceiro Mundo e como enfrentá-los desde a fé. Se não o fizermos, outros o tentarão a seu modo e pode ser de maneira trágica para os pobres. A Igreja tem enorme capital de presença junto aos pobres e dói vê-la desperdiçá-lo por cegueira ou unilateralismos enfermos.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas para a Va. Assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana em Aparecida, depois da “notificatio” sobre a obra de Jon Sobrino?

João Batista Libânio - O profetismo bíblico teve a enorme contribuição na superação da concepção grega de *fatum*, destino já traçado pelos deuses ou por não sei que força mágica. Atribui importância à liberdade humana, às forças históricas para bem e para mal. A “notificatio” não é nenhuma deusa Fortuna que preside inexoravelmente os rumos da história. Pode produzir efeitos antagônicos. Prevê-se que os timoratos não vão fundo nas questões e fiquem na rama do medo e embarquem na desconfiança geral de tudo o que seja libertação. Neste caso, ela será freio para o novo profético. Posição mais grega que bíblica. Outros, pelo contrário, se deixam questionar, em profundidade, e vão à raiz do problema e, quem sabe, encontrem motivos

para aprofundar ainda mais a opção pelos pobres, para reforçar as CEBs e para orientar-se por posições proféticas. Sem precisar ir longe na história da Igreja e falando, porém, só dos mortos, hoje nos parece claro que a figura santa e profética de D. Luciano Mendes de Almeida¹, na cidade sitiada que parecia ser Santo Domingo, rasgou o véu da escuridão com textos inspirados e especialmente com a belíssima oração final. Ele já morreu. Mas entre tantos eleitos e escolhidos pode emergir alguém de coragem profética que ilumina uma assembléia, mesmo quando pairam sobre ela neblinas frias e escuras. O Concílio Vaticano II também foi imensa surpresa em relação à batelada de documentos preparatórios, forjados na fábrica do tradicionalismo romano da herança piana². E isso aconteceu, em grande parte, empurrado pelo discurso inaugural de João XXIII.

IHU On-Line - Quais são as possibilidades e os limites da criação de novos espaços para o exercício da reflexão teológica latino-americana, para uma teologia cada vez mais pública?

João Batista Libânio - Hegel³ ironizou as leituras lineares da história, ao falar da “astúcia da razão”. Em nível de Igreja, ousaria falar da “astúcia do Espírito

¹ D. Luciano Mendes de Almeida: Dom Luciano Mendes de Almeida foi jesuíta, arcebispo de Mariana, e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dele, IHU On-Line publicou uma entrevista na 24ª edição, de 1º de julho de 2002, por ocasião de sua participação no Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, promovido pelo IHU em junho de 2002, um artigo na 85ª edição, de 24 de novembro de 2003, e outro artigo na 95ª edição, de 5 de abril de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

² Refere-se ao longo pontificado de Pio XII que precedeu o Concílio Vaticano II. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, A fenomenologia do espírito, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. (Nota da *IHU On-Line*)

Santo”. Quando tudo parecia conduzir a teologia para rincões internos de seminários e casas religiosas, em movimento oposto ao desencadeado nos primeiros anos posteriores ao Concílio Vaticano II, eis que vem o Estado brasileiro e reconhece civilmente a teologia. Ela escapa das mãos eclesiásticas. E dentro em pouco teremos leva de mestres e doutores em teologia, diplomados por faculdades teológicas de reconhecimento civil. Isso implica necessariamente a saída da teologia do mundo privado religioso para o público. O Ministério da Educação, em geral, e a CAPES, em termos de pós-graduação, introduzem cada vez mais critérios públicos para a avaliação das instituições. Situação nova cujas conseqüências escapam de nossa previsão no momento.

Acontece, no Brasil, fato algo diferente da Alemanha. Lá a teologia que gozava de grande publicidade por situar-se no interior de célebres universidades, mergulha em profunda crise por falta de alunos em vista da incerteza do mercado teológico, pelo seu pesado custo econômico para as próprias Universidades, pela irrelevância de seu discurso como parceira no conclave das ciências e finalmente pelo temor da hierarquia diante dos avanços teológicos, trazendo os seus estudantes para institutos eclesiásticos domésticos. Movimento, de certo modo, oposto ao do Brasil. Aqui as faculdades de teologia aumentam e vêm alunos de diversas origens buscar nelas um diploma que lhes será útil. E isso possibilita a teologia sair dos rincões puramente eclesiásticos para lançar-se na publicidade. Pessoalmente tenho percebido como Universidades do Estado têm procurado parcerias de cursos com teólogos e desejado sua presença em Comitê de ética e pesquisa. Não faltam teólogos escrevendo colunas nos principais jornais do país.

Se tal movimento em ascensão é de longa duração ou um suspiro momentâneo, custa-nos perceber no momento. Mas, por enquanto, o fluxo leva a teologia à crescente publicidade.

Teologia da Libertação: a contribuição mais original da América Latina para o mundo

ENTREVISTA COM FAUSTINO TEIXEIRA

Faustino Teixeira, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (PPCIR-UFJF), concedeu a entrevista que segue, por e-mail, esboçando seu ponto de vista sobre a Teologia da Libertação. Para ele, “o que ocorre agora com Jon Sobrino é apenas mais uma manifestação da dificuldade, resistência e oposição de segmentos romanos contra esta forma profética de reflexão teológica”, referindo-se à Teologia da Libertação.

Faustino Teixeira é doutor e pós-doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Ele é autor de uma vasta obra teológica, especialmente no que se refere à teologia do diálogo inter-religioso. Ele é um grande parceiro do IHU. Entre suas obras citamos os livros, por ele organizados, Nas teias da delicadeza (São Paulo: Paulinas, 2006) e As religiões no Brasil: continuidades e rupturas (Petrópolis: Vozes, 2006), organizado com Renata Menezes. Pierre Sanchis fez uma resenha deste livro que foi publicada na revista IHU On-Line, número 195, de 11-09-2006. Confira, também, uma entrevista com Faustino na edição 209 da IHU On-Line com o tema Por que ainda ser cristão? e uma resenha feita por Faustino sobre o filme O grande silêncio, publicada na edição de número 212 da revista IHU On-Line, de 19/03/2007.

IHU On-Line - A recente notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre duas obras de Jon Sobrino coloca novamente em pauta a Teologia da Libertação. Por que motivo esta teologia, que alguns chegam a considerar defunta, continua provocando tanta inquietação?

Faustino Teixeira - É importante ressaltar que a recente notificação das obras de Jon Sobrino insere-se num quadro recorrente de desconfiança do magistério católico-romano com determinados expoentes da



Teologia da Libertação. Com base na lista das notificações realizadas pela Congregação para a Doutrina da Fé (CdF) ao longo desses últimos 25 anos, duas atingiram teólogos da libertação: Leonardo Boff (1985) e Jon Sobrino (2006). Vale também registrar a Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a Teologia da Libertação (TdL), de 1984, que assinalava como um de seus objetivos “chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis, para os desvios e riscos, perigosos para a fé e para a vida cristã, presentes em

certas formas da Teologia da Libertação”. Na ocasião, o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé era o cardeal Ratzinger, hoje papa Bento XVI. Este mesmo cardeal, em conferência realizada em Guadalajara, em 1996, para os presidentes das Comissões Episcopais da América Latina para a Doutrina da Fé, mencionava o risco representado pela Teologia da Libertação nos anos 1980. A seu ver, nas suas expressões mais radicais, a Teologia da Libertação “constituía a provocação mais premente contra a fé da Igreja”. O que ocorre agora com Jon Sobrino é apenas mais uma manifestação da dificuldade, resistência e oposição de segmentos romanos contra esta forma profética de reflexão teológica. O próprio Sobrino menciona, em sua carta ao Padre Geral dos jesuítas, que suas dificuldades com Roma acontecem desde 1975. Mas há que sublinhar que esta forma de expressão teológica talvez tenha sido a contribuição mais original da América Latina para todo o mundo, e uma provocação radical para a igreja universal. O teólogo alemão Johann Baptist Metz¹ reconheceu a importância providencial das igrejas latino-americanas para toda a igreja universal: e, em particular, a provocação que trazem consigo, de luta em favor da libertação e da afirmação da justiça. A Teologia da Libertação vem exercendo ao longo dos anos esta tarefa de aquecer a “memória perigosa” de Jesus e sua causa de afirmação da vida, e isto certamente incomoda. Como sublinhou Ernesto Balducci², as caravelas retornam das Índias com os novos anunciadores do Evangelho. Na verdade, o que causa de fato inquietação são as condições requeridas para a herança no Reino de Deus:

¹ Johann Baptist Metz: teólogo alemão. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15 de abril de 2002 e reproduzimos um artigo escrito por ocasião do 60º aniversário de Karl Rahner, publicado como introdução, no livro *Gott in Welt. Festgabe für Karl Rahner*, na edição de nº. 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da *IHU On-Line*).

² Ernesto Balducci: teólogo e filósofo italiano, já falecido, autor de, entre outros livros, *L'uomo planetario* (O homem planetário). Fiesole: Edizione Cultura della Pace, 1994. (Nota da *IHU On-Line*)

dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, e acolher os mais necessitados (Mt 25, 31-46).

***IHU On-Line* - Uma das grandes dificuldades da ortodoxia católica com respeito à Teologia da Libertação é a afirmação de uma “nova hermenêutica” que envolve uma ortopraxis. Jon Sobrino fala em “hermenêutica da práxis”. Para ele, não há como compreender Jesus fora da prática de seu seguimento. Qual o alcance dessa reflexão teológica e em que medida ela provoca uma mudança na reflexão cristológica em curso?**

Faustino Teixeira - Não há dúvida sobre a novidade da reflexão cristológica de Jon Sobrino, que é também partilhada por outros teólogos da libertação. O que ele se propõe é resgatar a imagem de Jesus Cristo libertador e de seu anúncio do reino, que é o núcleo de sua pregação. De fato, Jesus nunca foi cristocêntrico, mas teocêntrico. O que incomoda Sobrino é a constatação de que “séculos de fé em Cristo não foram capazes de enfrentar a miséria da realidade nem sequer de suspeitar que, neste continente, há algo de escandaloso na coexistência entre miséria injusta e fé cristã”. O que ele se propõe é resgatar a dignidade da cristologia, da imagem histórico-libertadora de Jesus de Nazaré, enquanto “desmascaramento e superação do acristão ou anticristão de imagens anteriores”. A teologia hermenêutica reconhece hoje com clareza que o cristianismo, antes de ser uma mensagem na qual se deve crer, é uma “experiência de fé que se torna uma mensagem” (Schillebeeckx³). É esta experiência de fé, fundada na práxis de Jesus, que Sobrino busca recuperar: do Jesus como mistério que dá vida. Ele assinala a necessidade de se voltar a Jesus, pois “sem sua historicidade concreta o Cristo se transforma num

³ Edward Schillebeeckx (1914), teólogo holandês, frei dominicano, é considerado um dos mais importantes peritos oficiais do Vaticano II e um dos mais importantes teólogos do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

ícone”. Trata-se, a seu ver, de um retorno à práxis de Jesus, mas também ao espírito que animou esta prática, marcado pela honradez para com a realidade, pela acolhida aos mais fragilizados, pela misericórdia fundante e pela fidelidade ao mistério de Deus. O alcance desta reflexão teológica é novidadeiro e desestabilizador. Instaure-se a exigência de uma nova hermenêutica, que não é simplesmente existencial, mas práxica. Para que haja um adequado conhecimento de Jesus faz-se necessário uma “prática para se relacionar adequadamente com ele: o seguimento”.

IHU On-Line - Na recente notificação sobre as obras de Jon Sobrino há um questionamento aos pressupostos metodológicos utilizados pelo teólogo de El Salvador, em particular a idéia da “Igreja dos pobres” como lugar teológico fundamental. Como situar a centralidade da questão dos pobres na Teologia da Libertação?

Faustino Teixeira - De fato, na visão de Jon Sobrino a igreja dos pobres constitui “o lugar eclesial da cristologia por ser uma realidade configurada pelos pobres”. Para entender esta afirmação, torna-se necessário captar a essencial relação que existe entre o reino de Deus e os pobres, um tema que foi objeto da brilhante tese doutoral¹ de Inácio Neutzling. Este autor mostra, com pertinência, que no Sermão da Montanha Jesus declara os pobres bem aventurados não por uma razão secundária, mas porque deles é o reino de Deus. Na visão de Neutzling, “as bem-aventuranças significam na boca de Jesus a proclamação de um ‘rotundo não’ da parte de Deus sobre a ordem de valores morais, religiosos, sociais, econômicos e jurídicos vigentes”. Um dos autores que

¹ O título da tese de Inácio Neutzling, de seu doutorado em Teologia, é “O Reino de Deus e os Pobres. As implicações ético-teológicas para o agir cristão”. Foi defendida em Roma, em 1985 e publicada sob o título *O Reino de Deus e os pobres*, São Paulo: Loyola, 1986. (Nota da *IHU On-Line*).

melhor destacou esta relação, e que influenciou profundamente a Teologia da Libertação, é Jacques Dupont². Em sua volumosa obra sobre as bem-aventuranças, assinalou que os pobres são acolhidos preferencialmente por Deus não pelo fato de serem melhores que os outros, ou estarem melhor preparados para receber o reino, mas porque Deus quer fazer de seu reino uma demonstração magnífica de sua justiça e de seu amor em favor dos desvalidos. Para Dupont, “proclamar que os pobres são bem-aventurados é simplesmente uma outra maneira de dizer que o reino de Deus está próximo”. Esta atenção para com a igreja dos pobres não é exclusividade da Teologia da Libertação. Estava já presente na radiomensagem de João XXIII em setembro de 1962, nas vésperas do Concílio Vaticano II e foi objeto de calorosas discussões de um grupo de bispos e peritos agrupados em torno do Colégio Belga, durante o Vaticano II (do qual fez parte ativa Hélder Câmara³, então arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro). Ecos expressivos desta discussão sobre a igreja dos pobres ocorreram na aula conciliar, sobretudo com a intervenção do cardeal Lercaro no dia 06 de dezembro de

² Jacques Dupont: Autor da obra clássica sobre as bem-aventuranças. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Dom Hélder Câmara (1909-1999): Arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria *Memória da IHU On-Line* número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26 de setembro de 2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernane Pinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

1962, ao final da primeira sessão conciliar. Sua intenção era de introduzir, no núcleo do ensinamento doutrinal do Concílio, um aspecto essencial do mistério de Cristo na igreja, que é o “mistério de Cristo nos pobres”. E, para ele, este não seria um entre outros temas do Concílio, mas o “único tema de todo o Vaticano II”. Semelhante sensibilidade animou os bispos latino-americanos em Puebla, quando falaram da opção preferencial pelos pobres: “os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a sua situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma a sua defesa e os ama” (n. 1142). Como podemos observar, Jon Sobrino e a Teologia da Libertação não dizem nada diferente do que vem sendo afirmado pela boa tradição teológica e conciliar. Se é correto dizer que *ubi Christus, ibi ecclesia*, também é verdade acrescentar, como diz Sobrino, que *ubi pauperes ibi Christus*.

IHU On-Line - Ainda na notificação sobre as obras de Jon Sobrino há uma inquietação sobre a ênfase dada pelo autor no Jesus histórico, bem como na sua relacionalidade. Na visão de Sobrino, torna-se problemática a “absolutização absoluta de Cristo”, ou seja, o esquecimento da dupla relacionalidade de Jesus: “com o reino de Deus e o Deus do reino”. Está havendo um certo risco de cristomonismo, na tendência em curso de questionamento do “reinocentrismo” da Teologia da Libertação e o que isso significa para a Igreja na América Latina?

Faustino Teixeira - A recuperação da relacionalidade de Jesus é um dado muito acentuado na reflexão teológica contemporânea. Um claro exemplo encontramos na “cristologia integral” defendida por

Jacques Dupuis¹, que busca recuperar a dimensão trinitária do mistério cristológico, evitando o risco do cristomonismo. Para Dupuis, o modelo cristológico pós-calcedoniano, que enfatiza uma “cristologia do alto”, acentuou de tal forma a divindade de Jesus que incorreu no risco de comprometer a “integridade e autenticidade de sua existência humana”. Outros autores como Duquoc², Schillebeckx e Gesché³, assinalam que Jesus sempre aponta para além de si, rumo ao mistério maior do Deus da vida. Para Gesché, o ponto mais misterioso de imanência do cristianismo é o que assinala a permanente distância que separa Deus de nós. Este autor sublinha, com base em Congar⁴, a possibilidade de um

¹ Jacques Dupuis: jesuíta, foi acusado por causa de suas teses sobre o pluralismo religioso que, segundo o Vaticano, contém “notáveis ambigüidades” e levam a “opções perigosas”. (Nota da *IHU On-Line*)

² Christian Duquoc: teólogo dominicano francês, professor emérito da Faculdade de Teologia na Universidade Católica de Lion, França, e diretor da revista *Luz e vida* e membro da direção da revista *Concilium*. É conhecido, sobretudo, por seus estudos sobre cristologia. De suas obras, confira *Cristologia: o Messias*. São Paulo: Loyola, 1980; *Cristologia: o Homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002; *Cristianismo, memória para o futuro*. São Paulo: Loyola, 2005; *A teologia no exílio*. Petrópolis: Vozes, 2006. Confira a entrevista com Duquoc na edição 213 da IHU On-Line disponível para download no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

³ Adolphe Gesché (1928-2003): doutor em Teologia e graduado em Filosofia e Letras. Além de ministério presbiterial, lecionava na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Louvain e foi presidente da Sociedade Teológica de Louvain. É autor da série de livros *Deus para pensar* (Paulinas: 2006) (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Yves Marie-Joseph Congar (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos “exílios”. Sobre Congar a *IHU On-Line* publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria *Memória* da edição 150, de 8 de agosto de 2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22 de junho de 1995. Também dedicamos a editoria *Memória* da 102ª edição da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar (Nota da *IHU On-Line*).

crisocentrismo não cristão, ou seja, de um “cristianismo que absolutize o cristianismo (Cristo inclusive) e sua revelação”. Uma tal absolutização do cristianismo seria para ele idolatria, na medida em que rejeitaria, na prática, a distância e a inacessibilidade do mistério maior de Deus. Em semelhante direção vai a reflexão de Jon Sobrino. O que ele questiona é um Cristo “absolutamente absoluto”, desconectado de sua relação essencial com o reino de Deus e o Deus do reino. Para Sobrino, torna-se problemático absolutizar o mediador Cristo e ignorar a sua “relacionalidade constitutiva com a mediação, o reino de Deus”. Não sem razão, assinalou que o maior receio do terceiro mundo é um Cristo sem reino. Segmentos do magistério romano temem o reinocentrismo defendido pela Teologia da Libertação e vêem ali o risco de certa concentração nos valores evangélicos como justiça e paz, de ênfase secularizadora nas lutas de libertação, e de relativização do lugar da igreja. Daí acentuarem com vigor a íntima relação que vigora entre o reino e Jesus e o reino e a Igreja.

***IHU On-Line* - Quais são os desafios do pluralismo religioso hoje, para o fazer teológico na América Latina?**

Faustino Teixeira - O pluralismo religioso tem sido um dos campos de grande interesse da Teologia da Libertação no momento atual. É o tema que tem concentrado a atenção da Comissão Teológica Latino-Americana da Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT). Sob a coordenação desta Comissão foram publicados 4 volumes envolvendo a questão dos desafios do pluralismo religioso para a Teologia da Libertação. Ainda sob o impulso desta mesma Comissão, acaba de ser publicado um número da revista internacional de teologia, *Concilium* (1/2007), dedicado integralmente ao tema da teologia e pluralismo religioso, com importantes contribuições de teólogos da libertação. O grande desafio consiste em pensar o

pluralismo religioso como um valor irredutível e irrevogável, como um dado de princípio e direito, e não apenas como algo conjuntural e passageiro. Como mostrou Leonardo Boff, no prefácio de um dos volumes da coleção da ASETT, “assim como existe a imensa biodiversidade da natureza como fato e como incomensurável valor que merece ser preservado, de forma semelhante existe a diversidade das religiões, que são fatos e valores a serem apreciados, pois são manifestações do humano e da experiência religiosa da humanidade”. Esta nova perspectiva de abordagem do pluralismo provoca, necessariamente, uma profunda revisão de todos os grandes tratados da teologia.

***IHU On-Line* - Em recente artigo, o teólogo Clodovis Boff assinalou que a Conferência de Aparecida não poderá ser a repetição, ainda que atualizada, das Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, mas deverá, sim, inovar em sua forma e acento, face aos novos “sinais dos tempos”. Será o caso? Por quê?**

Faustino Teixeira - Este artigo de Clodovis Boff¹, publicado recentemente na Revista Eclesiástica Brasileira (v. 67, n. 265, janeiro de 2007), tem dado o que falar. O autor é um dos mais importantes teólogos latino-americanos e sempre animado por reflexões instigadoras. Creio que ele é um interlocutor de peso para o debate atual, e sua reflexão deve ser levada em consideração, mas não necessariamente adotada. Segundo Clodovis, a Conferência de Aparecida deveria ter um respiro próprio, não necessariamente na linha da retomada da “tradição latino-americana”. Ele fala em “continuidade de fundo” e “descontinuidade de forma”. Enfatiza a importância do tratamento de outras questões, relacionadas com o novo clima de atenção aos “valores e sentidos” e, em particular, a “busca de experiência religiosa”. Sinto também em seu texto uma preocupação de firmar na

¹ O artigo intitula-se “Re-partir da realidade ou da experiência de fé? Propostas para a CELAM de Aparecida”. (Nota da *IHU On-Line*)

pastoral o “pólo religioso” e a “identidade da igreja” num tempo marcado pela relativização. Fala também na necessidade de uma “missão intrépida” da igreja em reação à “investida proselitista” dos pentecostais. A tônica de compromisso social, que é traço da “tradição latino-americana”, seria para ele “complementar” ao pólo que ganha mais urgência no momento atual, que é o religioso. Mas discordo dele quando diz que a opção pelos pobres já parece ganha ou aceita por todos, tendo sido “interiorizada pela Igreja”. A própria notificação das obras de Jon Sobrino, na crítica à sua metodologia, é um sinal em contrário. Agora, concordo com Clodovis quando ele diz que a discussão precisa ser ampliada, inclusive na linha de um maior aprofundamento da espiritualidade. Não há dúvida de que a situação do continente é distinta em relação às décadas anteriores: novos complicadores entraram em cena, como o crescimento da violência, a banalização da morte, a “corrosão do caráter”, a “desfuturização” e o acirramento das incertezas. Em entrevista concedida ao jornal *O Globo*, o escritor americano, John Updike¹, toca num ponto que é nevrálgico: “A violência vem da falta de futuro. São jovens que não têm nada a perder. Eles já vivem no inferno. A vida para eles parece terrível demais e, o que é pior, não há saída para este inferno cotidiano. No caso do Brasil, isto vem da miséria misturada à falta total de perspectiva. Não sobra nada: não há qualquer noção do que seja dignidade, do que seja decência. Não há esperança na visão de mundo desses jovens”. Trata-se de uma situação nova que desafia o trabalho teológico: de oxigenar de sentido um tempo marcado pela desesperança e pelo nihilismo. Sobre isto, Clodovis tem razão.

¹ John Updike: escritor americano. De 1955 a 1957, trabalhou na *The New Yorker*, contribuindo com contos, poemas e críticas de livros. De sua obra constam doze livros de ficção, cinco volumes de poesia e uma peça de teatro. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Quais são as perspectivas para a V^a. Assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana em Aparecida, depois da “notificatio” sobre a obra de Jon Sobrino?**

Faustino Teixeira - A conjuntura não é muito favorável para sonhos alternativos. A tendência que se percebe nos documentos preparatórios é de sintonia fina com o horizonte geral da conjuntura eclesial internacional. Tentativas de maior influência na Conferência, na linha de uma reflexão mais sintonizada com a teologia latino-americana, estão sendo feitas, como é o caso do grupo de teólogos e teólogas da América Latina. A recente publicação do grupo, *Sinais de esperança: reflexão em torno dos temas da Conferência de Aparecida*, pode ser um germe fermentador de novidade. Há que acreditar na força do Espírito. Mas não há dúvida de que a notificação das obras de Jon Sobrino criou um clima de desencanto entre muitos teólogos latino-americanos e em particular entre os brasileiros.

***IHU On-Line* - Quais são as possibilidades e os limites da criação de novos espaços para o exercício da reflexão teológica latino-americana, para uma teologia cada vez mais pública?**

Faustino Teixeira - Sou um intrépido defensor da criação de espaços livres para uma teologia pública no Brasil. Está na hora de a teologia deixar de ser simplesmente refém do magistério eclesial e poder trabalhar com mais liberdade. Um dos grandes professores que tive na Gregoriana, Juan Alfaro - que também apoiou brilhantemente Jon Sobrino -, defendeu, em brilhante artigo sobre a teologia diante do magistério, o direito ao exercício da liberdade acadêmica do teólogo. No seu entendimento, a reflexão teológica deve atuar unida ao magistério, mas não identificada com ele. O trabalho do teólogo é sempre um trabalho marcado por “fidelidade criadora” e deve buscar avançar sempre mais na reflexão, em sintonia com os sinais dos

tempos. E o magistério eclesiástico, por sua vez, como assevera Alfaro, deve estar consciente de sua “não identificação com a revelação e de sua subordinação à soberania da palavra de Deus”. Jon Sobrino, em sua carta a Kolvenbach mostrou a razão e o sentido da verdadeira dignidade do trabalho teológico. Discordou da notificação a ele inflingida por reconhecer ali a presença de “ignorância, preconceito e obsessão para acabar com a Teologia da Libertação”. Teve a ousadia e coragem de não subscrever a notificação da Congregação para a Doutrina da Fé, dizendo: “não é ético para mim ‘aprovar ou apoiar’ com minha assinatura um modo de proceder pouco evangélico”. Assumiu, com coragem, o que é a verdadeira obediência eclesial. Como assinalou Ratzinger, em artigo iluminado do passado, “a verdadeira obediência não é a dos aduladores (...), ou daqueles que evitam qualquer obstáculo. A verdadeira obediência manifesta-se no testemunho, muitas vezes carregado de sofrimentos. A verdadeira obediência é a que sempre

busca a verdade e a que se deixa arrastar pelo verdadeiro amor”. E sabemos que o que está na base de toda a reflexão de Jon Sobrino e um amor gratuito e profundo aos pobres e ao Deus do Reino. Um dos grandes obstáculos ao exercício livre da teologia hoje no Brasil é a dependência da autorização eclesiástica para o exercício de ensino teológico nas faculdades particulares. Concordo aqui com os teólogos que assinaram em 1989 a Declaração de Colônia: identificaram neste “mandato da atividade eclesiástica competente” um “pesado e perigoso atentado à liberdade de pesquisa e de magistério”. Penso que está na hora de se pensar soluções mais criativas e abertas para a formação teológica no Brasil, com a possibilidade de criação de programas de graduação e pós-graduação em teologia que possam ser regidos por estatutos e regimentos das próprias universidades, e marcados pela sensibilidade e dinâmica multidisciplinar.

A Teologia da Libertação: será que ela não crê demasiadamente nas promessas modernas e na sua gramática hermenêutica?

ENTREVISTA COM LUIZ FELIPE PONDÉ

Luiz Felipe Pondé, filósofo, em entrevista concedida por e-mail, afirma que “a teologia na América Latina deve ocupar espaços na academia, na mídia, e para isso ela precisa sair do gueto semântico e hermenêutico em que a (justa) luta social e política a acabou colocando”. E continua: “a formação dos teólogos deve sair do repertório dependente da análise sociopolítica e ler os pais fundadores do cristianismo e não só aquilo que reforça sua semelhança com a militância política na América Latina”. E levanta uma questão: será que a teologia da libertação não “peca por crer demasiadamente nas promessas modernas e na sua gramática hermenêutica”?

Pondé leciona no Departamento de Teologia da PUC-SP e na Faculdade de Comunicação da Fundação Armando Álvares Penteado. Graduado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia e em Filosofia Pura pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea pela USP e em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris VIII, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, Israel, escreveu O homem insuficiente (São Paulo: Edusp, 2001); Crítica e profecia. Filosofia da religião em Dostoiévski (São Paulo: Editora 34, 2003); Conhecimento na desgraça. Ensaio de epistemologia pascaliana (São Paulo: Edusp, 2004); e Do pensamento no deserto, que será em breve lançado pela Edusp.

Na 133ª edição da IHU On-Line, de 21-03-2005, cujo tema de capa foi Delicadezas do mistério. A mística hoje, Pondé concedeu com exclusividade a entrevista “A mística judaica”. Suas contribuições mais recentes à IHU On-Line aconteceram com a entrevista Parricídio, niilismo e morte da tradição, quando falou sobre Dostoiévski, na edição 195, de 11-09-2006, e na edição especial do Natal/2005, número 209, de 18-12-2006, sobre as razões de ainda ser cristão, hoje.



IHU On-Line - A recente notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre duas obras de Jon Sobrino coloca novamente em pauta a Teologia da Libertação. Por que motivo esta teologia, que alguns chegam a considerar defunta, continua provocando tanta inquietação?

Luiz Felipe Pondé - Porque ela é muito representativa da teologia latino-americana e do terceiro mundo em geral. As últimas décadas formaram muitas gerações do clero e do laicato ativo sob a tutela da Teologia da Libertação. Não tem nada de caduca em termos práticos e da microfisiologia do cotidiano teológico nas comunidades religiosas, de leigos, ou acadêmicas. A Teologia da Libertação continua hegemônica, pelo menos no seu viés de análise socioanalítico.

IHU On-Line - Uma das grandes dificuldades da ortodoxia católica com respeito à Teologia da Libertação é a afirmação de uma “nova hermenêutica” que envolve uma ortopraxis. Jon Sobrino fala em “hermenêutica da práxis”. Para ele, não há como compreender Jesus fora da prática de seu seguimento. Qual o alcance dessa reflexão teológica e em que medida ela provoca uma mudança na reflexão cristológica em curso?

Luiz Felipe Pondé - Toda hermenêutica fundada na prática pode soar excessivamente aberta e relativa para quem observa a pós-modernidade como *locus* essencial do niilismo hermenêutico e ético. Uma hermenêutica muito dependente da prática pode soar dissolutiva das identidades em questão (social, política ou teológica). Por exemplo, o judaísmo é uma religião muito aberta a uma hermenêutica fincada na prática, mas isso se dá num universo de uma religião que se move no campo étnico, o que a protege da dissolução hermenêutica. E mais: sendo uma religião marcada por rituais e ritos mínimos que cobrem o cotidiano inteiramente, o avanço da prática é todo o tempo parametrizado pelos

fundamentos "litúrgicos dos leigos em seu dia-a-dia" e étnicos. O cristianismo sempre foi fonte de controvérsias teológicas e cristológicas. Vejo esse caso como um exemplo nessa longa história.

IHU On-Line - Na recente notificação sobre as obras de Jon Sobrino há um questionamento aos pressupostos metodológicos utilizados pelo teólogo de El Salvador, em particular a idéia da “Igreja dos pobres” como lugar teológico fundamental.

Luiz Felipe Pondé - Na recente notificação sobre as obras de Jon Sobrino há um questionamento aos pressupostos metodológicos utilizados pelo teólogo de El Salvador, em particular a idéia da "Igreja dos pobres" como lugar teológico fundamental.

IHU On-Line - Como situar a centralidade da questão dos pobres na Teologia da Libertação?

Luiz Felipe Pondé - Os pobres são a face do Cristo que sofre. Neste sentido, os pobres carregam uma espécie de estigma de Cristo. Esse processo é construído a partir de uma corrente interpretativa que encontra raiz nas discussões do próprio cristianismo nascente, seja em Antioquia, seja no viés 'revolucionário-político' de um certo judaísmo do Segundo Templo. Acho que não podemos esquecer a influência, ainda que hoje quisesse ser esquecida, do ideário marxista na hermenêutica na América Latina nas últimas décadas. Está aí, inclusive, a aliança entre setores católicos da Teologia da Libertação e a chamada "esquerda" política. Para o Vaticano não se pode situar socialmente a face de Cristo como sendo fruto de um *locus* econômico específico. Penso também que uma vantagem perigosa de uma teologia dos pobres é que ela propicia a natureza humana situar o problema do mal numa estrutura exterior a si mesma, isto é, 'culpa' a estrutura social pelo mal e pelo sofrimento de Cristo, o que vai contra a grande linhagem cristã que suspeita da natureza humana como mentirosa e alienada com relação

a sua própria maldade. Em poucas palavras: aqueles que vêm a face de Cristo nos pobres se sentem como que liberados do fato de serem maus porque o mal está na exploração pela elite. Acho que se faz necessário uma análise dos desdobramentos da Teologia da Libertação para além de sua identidade no corpo da tradição cristã, e ver com que setores ela dialoga na pós-modernidade. Acho que, com esse olhar, a veremos como um corpus um tanto ingênuo com relação à ameaça de transformarmos toda reflexão em pastoral auto-ajuda e baratear o debate conceitual, típico da má pós-modernidade. Isso nada tem a ver com recusa da prioridade em lutarmos contra a pobreza em si (isso é profetismo hebraico justo). Esse ponto é central para o Vaticano. O erro estaria em concentrar o pensamento teológico na face dos pobres e não da face de Cristo, que pode surgir de modos inesperados, por exemplo, no processo de querermos identificar culpados sociais pela pobreza e nas alianças que essa luta pode exigir ao longo da história.

IHU On-Line - Em recente artigo, o teólogo Clodovis Boff assinalou que a Conferência de Aparecida não poderá ser a repetição, ainda que atualizada, das Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, mas deverá, sim, inovar em sua forma e acento, face aos novos “sinais dos tempos”. Será o caso? Por quê?

Luiz Felipe Pondé - Não será igual porque hoje o Vaticano e parte do clero da América Latina estão em tensão com a teologia sócio-analítica. Penso que poderá haver um conflito entre um viés antropológico-moral (do Vaticano) e um viés político-social da América Latina. Não acho que será simplesmente crise. A Igreja tem histórico de crises. Se souber acessar via seu corpo de integrantes à sabedoria milenar e não se deixar rasgar excessivamente pelo viés sociopolítico, penso que o resultado será muito positivo em termos de equilibrar uma sensibilidade da periferia do capitalismo com uma sensibilidade do centro do capitalismo. Os determinantes

econômicos da vida são evidentes. Não creio que o Vaticano desconheça isso, mas ele opta por ser fiel à tradição que antecede a leitura das raízes de crítica social do judaísmo e cristianismo em chave teo-sociológica. Esta vertente, creio, peca por crer demasiadamente nas promessas modernas e na sua gramática hermenêutica.

IHU On-Line - Quais são as possibilidades e os limites da criação de novos espaços para o exercício da reflexão teológica latino-americana, para uma teologia cada vez mais pública?

Luiz Felipe Pondé - Acho que a teologia na América Latina deve ocupar espaços na academia, na mídia etc., e para isso ela precisa sair do gueto semântico e hermenêutico em que a (justa) luta social e política acabou colocando. A formação dos teólogos deve sair do repertório dependente da análise sociopolítica e ler os pais fundadores do cristianismo e não só aquilo que reforça sua semelhança com a militância política na América Latina. Nesse sentido, penso que uma idéia seria, por exemplo, além da preocupação com o diálogo inter-religioso, uma concentração na discussão que usa o vocabulário religioso clássico, como falar diretamente de autores que se identificam com a existência de Deus e põ-los em contato com problemáticas atuais e cotidianos. A teologia tem que deixar de ter medo de falar no mundo da 'inteligência' sem se esconder na barra da saia da sociologia de sensibilidade marxista ou neomarxista. Isso nada tem a ver com ser anti-sofrimento social. Só a dicotomia da leitura sócio-analítica vê o mundo dividido em dois de modo tão banal. O cristianismo não pode ser reduzido a uma leitura de pobres contra ricos ou uma religião da terra.

***IHU On-Line* - Quais são as perspectivas para a 5ª Assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana em Aparecida, depois da “notificatio” sobre a obra de Jon Sobrino?**

Luiz Felipe Pondé - Acho, como disse acima, ainda que haja tensão, não acho que isso será destrutivo. A Igreja na América Latina já está em processo de conscientização dos limites da América Latina. Os determinantes políticos podem atrapalhar muito, principalmente enquanto a Igreja se deixar contaminar por essas manias bobas de 'direita e esquerda', 'reacionário e progressista', termos hoje em dia apenas retóricos. Penso que a Igreja deve evitar essa polarização entre América Latina dos pobres e oprimidos e Igreja da Europa do opressor, inclusive porque o Mal não é

estruturalmente social e a Igreja é mais sábia, se souber acessar sua tradição reflexiva, do que as modas intelectuais dos últimos 200 anos. Acho que um passo importante será a superação do repertório da militância política em favor de um discurso mais profundo e que não se esconde atrás da promessa de que as soluções são simplesmente econômicas. Mas estamos no início do debate. Muito ainda vai acontecer e vai durar anos, como tudo na história da Igreja. Acho que a Teologia da Libertação não é uma caduca inútil. Temos muito a aprender com sua sensibilidade concreta sobre o sofrimento localizado. Acho que o Vaticano se preocupa com os desvios teológicos que ela implica em termos da identidade católica. O debate é bom e salutar, contanto que não fuçamos dos impasses.

A Teologia da Libertação e a história do pensamento socialista cristão

ENTREVISTA COM JOHN MILBANK

*Crítico, o teólogo anglicano e teórico inglês John Milbank contribui na edição desta semana sobre o lugar da Teologia da Libertação na contemporaneidade. Nascido ao norte de Londres, e conhecido como um dos teólogos cristãos mais proeminentes e controversos do mundo, John Milbank é professor no Departamento de Teologia e Estudos Religiosos da Universidade de Nottingham, no Reino Unido. É autor de, entre outros, *Theology and social theory: Beyond Secular reason* (Blackwells, 1993), um estudo influente da relação entre a teologia cristã e a história da teoria social e política ocidental. Este livro foi traduzido e publicado no Brasil sob o título *Teologia e teoria social: Para além da razão secular* (São Paulo: Loyola, 1995). A IHU On-Line, nº 24, de 01/07/2002, reproduziu a resenha desse livro feita por Henrique C. de Lima Vaz.*

*Além desse livro, Milbank também é autor de *The world made strange: Theology language and culture*. Blackwell, 1997; co-editor de *Radical orthodoxy: A new theology* (Routledge, 1999); e co-autor de *Truth in Aquinas* (Routledge, 2001); *Being reconciled: Ontology and pardon* (Routledge, 2003); *Theological perspectives on God and beauty* (Trinity Press International, 2003), escrito com Edith Wyschogrod e Graham Ward e *Le milieu suspendu. Henri de Lubac et le débat sur le surnaturel*. Paris: Cerf, 2006.*

*Milbank é autor do artigo "O conflito das faculdades: a Teologia e a economia das ciências", publicado no livro *Inácio Neutzling* (org.). *A teologia na universidade contemporânea*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005. A IHU On-Line publicou uma entrevista com ele sobre Karl Rahner, edição número 102, de 24/05/2004.*

A entrevista que segue foi concedida por e-mail:

IHU On-Line - A recente notificação da congregação para a Doutrina da Fé sobre os dois livros de Jon Sobrino põe novamente em discussão a Teologia da Libertação. Por que esta teologia, que muitas pessoas

consideram superada, ainda provoca tão grande inquietação?

John Milbank - Em certo sentido eu considero surpreendente que ela seja tão controversa, porque penso que os contextos originais desta teologia -



movimentos de libertação nacional e a influência do marxismo ortodoxo - já não existem. As atuais lutas radicais contra a globalização são um tanto diferentes em seu caráter e o novo radicalismo na América Latina é eclético - com freqüência baseados em tradições não estatistas de cooperativismo e distributivismo, bem como de marxismo. Mas eu penso que talvez haja certa irritação no Vaticano por a Teologia da Libertação ser um movimento intelectual que desencaminha o povo - por exemplo, que ele obscurece o potencial radical no próprio ensinamento social papal que, em certos aspectos, está muito mais em sintonia com as novas correntes radicais. Eu penso, portanto, que a questão é simplesmente teológica - a saber, que a Teologia da Libertação torna situações seculares e teorias seculares demasiado normativas para a teologia e, conseqüentemente, chega a conclusões que são pouco ortodoxas.

IHU On-Line - Uma das maiores dificuldades da ortodoxia católica sobre a Teologia da Libertação é a afirmação de que uma “nova hermenêutica” envolve a ortopraxis. Jon Sobrino fala sobre uma “praxis hermenêutica”. Para ele, não há maneira de entender Jesus sem praticar suas atitudes. Qual é o objetivo desta reflexão teológica e de que modo ela provoca uma mudança no corrente pensamento cristológico?

John Milbank - Eu penso que há uma enorme confusão aqui. O Papa Bento XVI está certo ao dizer que a ‘ortodoxia’ sempre inclui tanto a prática correta, como a teoria correta. As duas são inseparáveis e nenhuma tem prioridade sobre a outra. A idéia de uma prioridade da prática sobre a teoria é incoerente, já que toda prática contém uma teoria implícita e a projeção de um horizonte teórico. Por exemplo, nós devemos seguir o exemplo de Jesus - porém este exemplo é complexo e a dimensão hermenêutica sugere que nós só podemos

‘repetir Jesus diversamente’, em novas situações históricas, se lhe formos fiéis.

IHU On-Line - Ainda quanto à notificação sobre o livro de Jon Sobrino: há uma inquietação sobre a ênfase no Jesus histórico, além de seu relacionamento. No ponto de vista de Sobrino, torna-se problemática a “total absolutização de Cristo”, o que significa deixar de lado o duplo relacionamento de Jesus: “com o reino de Deus e o Deus do reino”. Há certo risco de um cristomonismo na corrente tendência da questão do “reinocentrismo” na Teologia da Libertação? E o que isto significa para a Igreja Latino-americana?

John Milbank - Considerando a notificação, como anglicano eu me dou crescentemente conta de que as igrejas anglicana e ortodoxa sofrem porque carecem de um magistério. Eu penso que todos os cristãos precisam agora encontrar um caminho para reconhecer a liderança do papa, porque o Vaticano precisa ajudar a encontrar um caminho que possibilite isto. Nós necessitamos, talvez, de um novo balanceamento entre a autoridade do papa e do Concílio na conservação da melhor teologia antes de 1300. Às vezes, até essa época, o papado tem sido ‘demasiado moderno’ em agir como poder soberano. Mas eu suspeitaria que Bento XVI conhece e reconhece isto. Na instância presente, é claro que o laicato deve ser admoestado quando um docente católico trai a essência da mensagem cristã. Eu concordo com a notificação de que Sobrino está errado em ver a ‘igreja dos pobres’ como o primeiro contexto para a hermenêutica. Isso é limitar-se a um pseudo-radicalismo, que não permite o julgamento crítico que extrai sua plena força da tradição cristã. Enxergar o primeiro contexto como o desenvolvimento da tradição vai de fato permitir-nos mais, e não menos críticas drásticas da realidade corrente. Eu também concordo que Sobrino parece advogar por uma cristologia de ‘duas pessoas’ e rebaixa

integralmente a divindade de Cristo. Não ver o sentido de que a pessoa divina é o único sujeito de uma vida completamente humana é atualmente não perceber a verdadeira dimensão revolucionária da cristologia! Aqui, como tantas outras vezes, os libertacionistas sucumbem com demasiada facilidade ao liberalismo europeu e acabam não vendo que isso absolutamente não se encontra na real tradição socialista cristã, que sempre foi inteiramente calcedoniana¹. Eu concordo, também, com o julgamento oficial de que Sobrino está errado ao rebaixar a autoridade dos concílios e o caráter salvífico da morte de Cristo. De outro lado, as observações oficiais sobre a identidade entre as determinações conciliares sobre a natureza de Cristo e passagens na Bíblia permitam talvez demasiado pouca visão sobre a importância da interpretação na igreja guiada pelo Espírito Santo. Em todo o caso, eu concordo com a notificação de que há passagens no Novo Testamento que afirmam com toda clareza a divindade de Cristo.

O problema do cristomonismo

Eu concordo de que há um problema com o cristomonismo. Cristo, tendo uma natureza humana, teve-a como histórica e socialmente relacionada. Penso, no entanto, que se pode lidar com isto em termos ortodoxos, ou construindo sobre a ortodoxia, antes do que retrocedendo em face disso. Pois Cristo tem origem no consentimento de Maria, que é o ápice da receptividade de Israel para com Deus. Este consentimento foi também obra do Espírito que procede intrinsecamente do Cristo, também no útero. Por

¹ **Concílio de Calcedônia:** concílio ecumênico realizado entre 8 de outubro e 1º de novembro de 451 na Calcedônia, cidade da Bitínia, na Ásia Menor. Foi o quarto dos primeiros sete Concílios da história do Cristianismo, onde foi repudiada a doutrina de Eutiques do monofisismo e declarando a dualidade humana e divina de Jesus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Por não ter sido aceito por alguns movimentos cristãos ortodoxos, o Concílio deu origem à Igreja Copta e outras Igrejas nacionais. (Nota da *IHU On-Line*)

exemplo, Jesus existe em parte em sua posterior recepção cultural - ele não está encerrado num presente fechado, como o próprio papa Bento acentuou contra certas críticas bíblicas. Mas a recepção é ela própria a descida do Espírito Santo sobre a Igreja. Finalmente, pois, se a pessoa do Filho é inteiramente sua relação ao Pai e ao Espírito, então este relacionamento também deve tornar-se presente no tempo. Em certo sentido, a origem de Jesus de Israel reflete retrospectivamente sua eterna e perfeita origem do Pai, enquanto sua relação com a Igreja reflete a processão, através dele, do Espírito, implicando, possivelmente, que a toda a Igreja seja escatologicamente personificada pelo Espírito.

IHU On-Line - Como podemos descrever a Teologia da Libertação em sua relação com a era da modernidade?

John Milbank - Eu penso que a Teologia da Libertação é boa enquanto ela resiste à idéia de que a teologia não tem nada a dizer à esfera laica, mas se aplica ao todo da vida. Neste aspecto, ela é antimoderna. De fato, eu penso que foi infeliz ela ter aceito com demasiada facilidade a idéia de que a secularização, significando a autonomia sob a razão do mundo secular, é um desenvolvimento essencialmente cristão. Sob certos aspectos, ela deu uma versão esquerdista de um programa destinado a modernizar a América Latina. Hoje, no entanto, nós vemos muito mais interessantes resistências a uma ulterior 'acumulação primária' na América Latina, com um questionamento muito mais radical e pertinente de toda a economia liberal direcionada para as luzes do esclarecimento. Mas eu imagino que há muitas respostas teológicas a isso na América do Sul, que eu, para meu pesar, ignoro.

IHU On-Line - Quais são os pontos principais de sua crítica à Teologia da Libertação?

John Milbank - 1. Eu penso que a Teologia da Libertação ignora estranhamente toda a história anterior

do pensamento socialista cristão, especialmente na França e Grã-Bretanha. Toda a tradição anterior foi muito mais antiesclarecimento, antiestatismo e de caráter não-violento. Ela destilou bem mais a sua crítica da sociedade diretamente da teologia e viu a própria Igreja como o projeto de uma sociedade perfeita. Isso me parece ser verdade, apesar do fato de que muitos teólogos seus tenham vivido uma vida heróica e se engajaram em lutas que eu aplaudo. Talvez esta circunstância se deva ao fato de que a cultura ibérica é curiosamente de orientação moderna no período barroco, mais do que numa memória mais longa, que recua até a alta Idade Média, como é mais o caso da França e da Grã-Bretanha.

2. Eu penso que ela tende a ter uma teologia da secularização e uma teologia da ação moral individual, porém, curiosamente, não muita eclesiologia e uma teologia real do político e do social! Isso é porque ela deriva sua análise e crítica da sociedade de fontes seculares, e não da teologia. Por isso, ela simplesmente tende a ‘batizar’ certos estilos seculares e não pergunta suficientemente que diferença o cristianismo faz em relação à crítica secular da esquerda ao capitalismo e outros fenômenos.

3. Ela dispensa com demasiada facilidade a doutrina social católica e, conseqüentemente, falha ao não absorver suas mensagens sobre associações intermediárias, sobre os princípios de subsidiariedade e setorização, a importância de corporações fora do Estado e a necessidade de suplementar a democracia a partir da doutrina e orientação da verdadeira sabedoria. No entanto, eu igualmente acredito que a divisão entre a doutrina e o socialismo cristão é artificial e se originou por causa do ateísmo do socialismo na Alemanha, após 1848. Eu sou a favor de uma tendência relativamente de ‘esquerda’ da doutrina social católica que poderia purgá-

la de certos elementos por vezes excessivamente liberais lockeanos¹ ou smithianos². Eu concordo que a cristandade deve rejeitar o capitalismo. No entanto, o socialismo estatal é igualmente inaceitável. Nós necessitamos de um pensamento mais positivo sobre uma nova ordem social compatível com o projeto de ‘Igreja’.

¹ John Locke (1632-1704): filósofo inglês, predecessor do Iluminismo, que tinha como noção de governo o consentimento dos governados diante da autoridade constituída, e, o respeito ao direito natural do homem, de vida, liberdade e propriedade. Com David Hume e George Berkeley era considerado empirista. (Nota da *IHU On-Line*)

² Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos *Repensando os Clássicos da Economia*. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* número 133, de 21-03-2005. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do *Cadernos IHU Idéias*, de 21-07-2005, intitulado *Adam Smith: filósofo e economista*, escrito por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download no site do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

4. Ela tende a seguir Rahner¹ mais do que Lubac² e von Balthasar³ no referente ao natural desejo do

¹ **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schrifften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner e a edição 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi censurado por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi um dos grandes nomes do Concílio Vaticano II. Morreu como cardeal. John Milbank é autor do livro *Le milieu suspendu. Henri de Lubac et le débat sur le surnaturel*. Paris: Cerf, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Hans Urs Von Balthasar** (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da *IHU On-Line*, de 28-08-2006, *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério* publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada *Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica*. (Nota da *IHU On-Line*)

sobrenatural. Por isso, ela segue uma linha menos radical que vê a natureza em demasia como formalmente complementável sem a graça - uma linha que em sua origem já é demasiado kantiana⁴ e da contra-reforma. Isso ocorre em parte porque ela tende a conceder demasiada autonomia à esfera secular.

IHU On-Line - Quais são as grandes discussões que a era contemporânea oferece hoje ao debate teológico?

John Milbank - As grandes questões teológicas são em parte o que elas sempre foram: o mistério do cosmo e da humanidade e sua relação com a transcendência. Mas também hoje se levanta a questão de por que há uma nova prevalência do ateísmo. Os teólogos devem destacar que um humanismo meramente secular levará sempre ao niilismo. Acima de tudo, os teólogos devem mostrar que o abandono da idéia de participação da criação em Deus, inicialmente encorajada por uma teologia ruim, conduz à exaltação do poder e da vontade. Em conseqüência, temos hoje a falsa idéia da vontade livre como não ordenada teologicamente para Deus. Somente as igrejas cristãs estão denunciando toda

⁴ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

a cadeia de conseqüências decorrente disso: destruição ecológica, economia egotista, o empobrecimento de um imenso número de pessoas através do globo, a banalização do amor humano, a remoção da criatividade humana do trabalho, o aborto e experimentação em embriões, a manipulação de genes humanos para produzir uma impossível nova humanidade e a legitimação da eutanásia. De outro lado, nós também precisamos ver que o triunfo da vontade vazia e indeterminada foi, em primeiro lugar, resultado de uma teologia perversa - escotista¹ e ockhamista² - do voluntarismo³ e nominalismo⁴. Estes também têm seus

¹ João Scotus Erígena (1266-1308): filósofo e teólogo franciscano, precursor do escolasticismo. Chamado de Doutor Sutil, foi mentor de Guilherme de Ockham. Foi beatificado em 20 de março de 1993, durante o pontificado de João Paulo II. (Nota da *IHU On-Line*)

² William de Ockham (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, *Ockham's Razor*), que dizia que as "pluralidades não devem ser postas sem necessidade". Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas idéias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. Sobre Ockham, algumas boas fontes de pesquisa são *A compendium of ockham's teachings*. New York: The Franciscan Institute, 1998; *Ockham's theory of terms*. South Bend: St. Augustine's, 1998; DUNS SCOTUS, John. *Scotus vs. Ockham: a medieval dispute over universals*. Lewiston: Edwin Mellen, 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Voluntarismo:** tese segundo a qual podemos adotar crenças e outras atitudes proposicionais de acordo com nossa vontade. Em outras palavras, é a tese que acreditamos porque queremos. Descartes adota um ponto de vista voluntarista nas suas *Meditações*, mais especificamente na *Quarta meditação*. Spinoza se opõe ao voluntarismo nas proposições 48 e 49 da segunda parte da *Ética*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Nominalismo:** teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. A questão dos universais, inicialmente lógico-gramatical, estendeu-se para os

defensores que precisam ser combatidos. De diversas formas, o deus recusado por Voltaire⁵ e por outros foi esse deus tirânico voluntarista - mas eles o substituíram pelo homem tirânico e voluntarista.

***IHU On-Line* - A cristandade ainda tem algo a dizer à era contemporânea, cada vez mais "pós-cristã"?**

John Milbank - Sim. Principalmente porque a pós-cristandade é um desastre, gerado pela rejeição de uma versão empobrecida da cristandade, como foi descrito acima. Devemos hoje realmente voltar a acreditar que a emergência de um cristianismo global não é impossível. Isso porque todas as ideologias seculares, incluindo o neoliberalismo, estão agora na bancarrota, e nenhuma das outras religiões tem uma fé tão verdadeiramente universalizante - somente a religião que declara que Deus apareceu em verdadeira humanidade, não num ritual local arcano, nem em princípios abstratos, é realmente uma religião para todos. Pois bem, as únicas forças genuinamente globais são, hoje, o cristianismo e a razão tecnológica ocidental. Esta última é filha bastarda do anterior e deve ser refreada para libertar seus genuínos benefícios. Cristandade é uma palavra que significa a mesma coisa que cristianismo, precisamente porque, enquanto a Igreja ultrapassa o espaço e o tempo, ela é uma realidade no espaço e no tempo. Porque a Igreja é a comunidade da colaboração e reconciliação além da mera tolerância e da força da lei, incorporando um ideal social além do meramente

problemas teológicos e metafísicos, atingindo o conjunto de dogmas da igreja cristã. Por exemplo, João Roscelino, mestre de Abelardo, com seu nominalismo coloca em dúvida o dogma trinitário de Deus: a única substância divina não passa de um nome, as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) são três substâncias diversas, indicadas por um nome comum. Assim surgiu a *heresia do triteísmo*, condenada em 1092 pelo Concílio de Reims. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Voltaire** (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da *IHU On-Line*)

político. Isso ocorre porque, para São Paulo, o universo inteiro está destinado a se tornar *ecclesia*. É, pois, a própria Igreja que deve procurar unir todos dentro de uma grande diversidade, mas inter-comunicando a cultura global que pretende realizar todos os desejos e o potencial criativo de cada pessoa humana em harmonia

com todas as outras. Isso, penso eu, só é possível se tivermos a fé de que o mundo foi criado e remido e, assim, de que isso é algo em princípio possível. Acreditar no florescimento humano significa acreditar que se pode continuar a descobrir a verdadeira forma de ser humano como participação na vida do Deus Uno e Trino.

A propósito da “Notificação” sobre as obras de Jon Sobrino

A NOTA DE ‘CRISTIANISME I JUSTICIA’ DE BARCELONA

José González Faus, teólogo jesuíta espanhol, nos enviou e publicamos a seguir a nota do centro Cristianisme i Justicia de Barcelona. Eis a nota:

Conhecedores dos juízos da Congregação para a Doutrina da Fé sobre os livros do Pe. Jon Sobrino, sj.: *Jesucristo liberador. Lectura histórico-religiosa de Jesús de Nazaret* (Madri, 1991) e *La fé em Jesucristo. Ensayo desde las víctimas* (San Salvador, 1999), queremos compartilhar com nossos amigos algumas primeiras reflexões, já que Jon Sobrino colaborou, desde sempre, estreitamente com nosso Centro de Estudos Cristianisme i Justicia, e que uma dezena de membros de Cristianisme i Justicia foram ou são professores habituais de teologia no “Centro Monseñor Romero” da Universidade Centro-americana de El Salvador, que Jon Sobrino dirige.

1. Um documento da Congregação da fé não significa a desautorização total de um autor.

Em tempos anteriores ao Vaticano II tiveram problemas com dita Congregação homens como H. de Lubac (mais tarde cardeal da santa Igreja e que respondeu à sua condenação com uma célebre *Meditação sobre a Igreja*), ou como Karl Rahner (o maior teólogo católico do século

XX), ou Yves Congar¹, também nomeado cardeal, do qual João Paulo II proclamou que havia sido “um autêntico presente de Deus para a Igreja” (e que contou seus sofrimentos no livro *Diário de um teólogo*).

E, se remontarmos a períodos anteriores, poderíamos dizer o mesmo de grandes homens como Teilhard de Chardin², pioneiro no diálogo entre ciência e fé, ou o dominicano Lagrange, pioneiro da crítica bíblica no campo católico, que viu retiradas suas obras dos

¹ Yves Marie-Joseph Congar (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos “exílios”. Sobre Congar a *IHU On-Line* publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria *Memória* da edição 150, de 8-08-2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22-06-1995. Também dedicamos a editoria *Memória* da 102ª edição da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. (Nota da *IHU On-Line*)

² Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. (Nota da *IHU On-Line*)

seminários e cujos posicionamentos foram logo assumidos (e superados) na Dei Verbum do Vaticano II, ou num documento da Comissão bíblica.

A lista seria interminável e poderíamos chegar até santa Teresa de Ávila que, por problemas com a Inquisição, morreu sem ver publicada a maioria de suas obras, denunciadas mais tarde repetidas vezes como próximas aos “iluminados” ou aos luteranos, e que, sem embargo, é hoje doutora da Igreja, declarada por Paulo VI.

Tudo isto são, no campo do pensamento e da linguagem, episódios mais normais do que parece. Inclusive no Novo Testamento há um aviso, da segunda carta de Pedro, sobre o apóstolo Paulo, em cujos escritos se diz: “há algumas coisas difíceis de entender, que pessoas ignorantes e superficiais deturpam para sua própria perdição” (2 Pe 3, 16).

Tudo isso nos faz ver que quando a Congregação da fé publica um documento, ela não pretende condenar uma pessoa, senão apenas avisar que naquele caminho há algum perigo, ou que não se pode girar para um lado, ou para o outro, quando se vai naquela direção. De fato, o Documento da *Congregação da Fé* não estabelece nenhuma proibição de ensinar para o Pe. Jon Sobrino, porém se apresenta somente como uma “Notificação” sobre algumas inexatidões de seus escritos. Nada mais.

2. Não é agora o momento para entrar em todo o conteúdo do extenso documento romano.

Pode, não obstante, chamar a atenção de muitos de nossos leitores a afirmação do número 2 de que, para o teólogo, não podem ser os pobres, nem a Igreja dos pobres o lugar da cristologia, mas que o teólogo “há de ter constantemente presente que a teologia é ciência da fé”. Talvez a *Congregação* tenha querido sublinhar a palavra “ciência”, porém isso não autoriza a pensar que ela quis minimizar a palavra “fé”, e sim propor que toda ciência (também a da fé) sirva para a vida. O sábio

conselho inaciano de que “todo bom cristão há de ser mais pronto a salvar a proposição do próximo, do que a condená-la” (EE 22), nos impede de assim proceder.

Não se pretende, pois, desautorizar o Evangelho que proclama os pobres como “proprietários” desse Reino de Deus que constituía o anúncio de Jesus (Lc 6, 20) e que se convertem, portanto em “proprietários de Cristo”, para os que aceitem a opinião de alguns Padres que qualificavam Jesus como “o reino em pessoa” (a *autobasileia* em palavras de Orígenes), à qual alude o documento (n. 7).

A *Congregação* não pretende desautorizar a fonte da fé que é o Evangelho, e que proclama a ajuda ao irmão necessitado como lugar privilegiado do encontro com Deus, no que se decide a sorte definitiva do cristão (Mt 25, 31 ss.). A *Congregação da fé* não pretende negar isso, senão somente, como conclui o documento: “fazer notar aos fiéis a fecundidade de uma reflexão teológica que não teme desenvolver-se dentro do fluxo vital da tradição eclesial”. Este conselho deve ser atendido e acolhido.

E, precisamente neste fluxo vital da tradição encontramos afirmações como a de Inácio de Antioquia (já no século II), que desautoriza taxativamente todos aqueles que, por exaltar Cristo, se atrevem a negar sua “carne” (palavra que, no contexto antigo, não significa meramente a materialidade do corpo do Senhor, porém tem um sentido pejorativo, aludindo aos aspectos mais negativos e mais desprezíveis de nosso sermos homens). E o santo os condena porque, com este modo de pensar, “são contrários ao sentir do próprio Deus e não se preocupam com a solidariedade em favor dos débeis, nem com o fato, se um está aprisionado ou livre, faminto ou sedento”... (Carta à igreja de Esmirna, 6, 2).

Os Padres da Igreja, depois de proclamar que, através de Jesus Cristo, é como se nos revela Deus, acrescentam que, para conhecer Jesus Cristo, não podemos prescindir

dos pobres, pois “eles nos representam a pessoa do Salvador, porque o Senhor, por sua bondade, lhes cedeu sua própria pessoa” (Gregório de Niça, Homilia sobre o amor aos pobres, PG 46, 460). Santo Inácio de Loyola nos dirá que “a amizade com os pobres nos faz amigos do Rei Eterno”. E santo Agostinho ainda acrescenta que o amor aos pobres não se reduz à mera esmola, pois esta nos pode levar a nos sentirmos superiores, enquanto o que busca o amor é “ser igual” (Comentário à 1ª Carta de João, VII, 5).

Efetivamente, a tradição cristã é um fluxo vital que jamais levará à infecundidade, salvo aos que a entendam num sentido imediatista, ou a utilizem, como denunciava Jesus de Nazaré, “como excusa para desrespeitar a vontade de Deus” (Mt 15, 3). Mas seria absurdo pressupor essas intenções num documento em que se pretende mostrar é que não tenhamos temor da Tradição.

3. Em circunstâncias que podem ser, para muitos, fonte de sofrimento e até de escândalo, move-nos a fazer estas reflexões o mandato do profeta bíblico: “Consolai o meu povo, diz o Senhor”.

João Paulo II reclamou muitas vezes audácia para a teologia e nos exortou a considerar como normais esse tipo de conflitos, dada a limitação da linguagem humana. Cremos, pois, que nada do aqui dito está em contradição com o documento da *Congregação da fé*.

Se nos pode ser permitida uma palavra crítica, teríamos que falar, não do texto, senão de seu contexto. Pois há um dado que nos parece suficientemente garantido, dados seus informadores, a expressão de um cardeal da Cúria faz poucos meses: “antes de Aparecida (conferência do CELAM nesta cidade do Brasil) já não sobrará nenhum teólogo da libertação”.

Sentiríamos muito se o documento que comentamos o convertessem alguns em argumento para dar, à reunião do CELAM em Aparecida, uma orientação contrária à tradição dessas assembléias, em Medellín e Puebla. E desejaríamos que alguns componentes da cúria romana sejam mais

respeitosos com a discricção que impõe sua responsabilidade. Somente isto.

4. Agradecemos que o documento da Congregação da fé, tal como aparece hoje, não contenha, além dessas precisões, nenhuma sanção ou proibição de escrever para o Pe. Sobrino.

Por isso, nos sentimos autorizados a também declarar publicamente que, se essas sanções se produzissem mais tarde, com a excusa deste documento, parece-nos que seriam injustas e antievangélicas. Pois ao magistério da Igreja (como a todo magistério, porém em grau superior) compete ensinar positivamente, mais do que o mero proibir.

E porque, como é sabido, Jon Sobrino tem sido um impressionante testemunho da fé para muita gente simples que será gratuitamente escandalizada por esse tipo de violência. E é também (de fato e porque teve a sorte de estar fora de El Salvador quando lhe houvesse tocado morrer), testemunha de milhares de vítimas da violência estabelecida na América Latina, muitos deles mercedores do título de mártires, porque morreram pelo ódio que sua fé suscitava, e que sua caridade heróica punha em evidência.

Apelando à Tradição, pode ser bom recordar como a igreja primitiva venerava os chamados “confessores” (ou pessoas que haviam sofrido o martírio sem chegar a morrer nele). Embora alguns daqueles “confessores” haviam formulado, por vezes, a fé de maneira um tanto desfocada. Porém neles se fez verdade que o Espírito pode dar vida àquilo que, como mera letra, poderia não o ter.

5. Sentir-se hoje Igreja.

Um documento como este é um fato que nós cristãos temos que receber como uma realidade dolorosa que faz parte de nossa vida na Igreja. Portanto, como ele afeta a muitos de nós, é uma ocasião para reflexionar sobre o que significa “sentir-se igreja”.

Livro da Semana

James R. GAINES. *Uma noite no palácio da razão, São Paulo: Record, 2007.*

Sob o título “O conflito entre a razão e a fé”, Elias Thomé Saliba, professor da USP e autor dos livros Raízes do riso e As utopias românticas, publicou no jornal O Estado de S. Paulo, 1-04-2007, o seguinte comentário.

Em 1747, o rei Frederico II⁵⁶, da Prússia - ainda jovem, caprichoso, impulsivo e provocador - e Johann Sebastian Bach - já um velho músico, com os seus 62 anos - se encontraram no palácio real, em Postdam, onde trabalhava o filho de Bach, Carl, então o principal cravista da orquestra real prussiana. Primeiro, Frederico deu a Bach uma figura musical longa e complexa e pediu ao velho mestre para fazer dela uma fuga a três vozes. (Que é o mesmo que dar uma salada de palavras a um poeta e pedir a ele que faça um soneto.) Bach apresentou o Tema Real, mas Frederico, do alto de sua arrogância, desafiou o músico a transformar o mesmo tema numa fuga para seis vozes. Todos reconheciam que, em termos musicais, o desafio era ridículo, não passando de um capricho malicioso de um rei que adorava humilhar filósofos e artistas. Diante dos músicos da corte - entre os quais, o próprio filho -, o velho músico respondeu que teria que trabalhar na partitura e enviá-la para o príncipe alguns dias depois. Voltou para Leipzig, e

terminou, em 15 dias, a sua Oferenda Musical - uma das maiores obras de arte da história da música.

É este episódio fascinante, narrado em detalhes em *Uma noite no palácio da razão*, que serve de pretexto para James R. Gaines realizar uma primorosa reconstrução biográfica e histórica, na qual se entrecruzam dois destinos paralelos: o do músico que traduziu o divino em estruturas sonoras e o monarca que foi um dos maiores representantes do despotismo iluminista no século 18. Gaines realiza uma síntese surpreendente e acessível para uma tarefa bastante ingrata: refazer duas biografias para as quais dispomos de centenas de debates acadêmicos, mas pouquíssimas fontes realmente fidedignas.

Já denominado de 'o Grande', quando mal havia completado 5 anos, Frederico, teve sua personalidade moldada pelo pai - o mais truculento de toda a dinastia, que quase condenou seu filho à morte, quando este, aos 17 anos, foi preso e acusado de traição. Quando assumiu o poder, Frederico demonstrou um amor pelas questões militares e um brutalidade cínica e autoprotetora forjando o perfil de uma personalidade despótica - que através de uma diplomacia fraudulenta e ações militares incríveis, transformou a Prússia num poderoso reino. Proclamado por Voltaire como o 'rei-filósofo', sorveu parte da cultura iluminista diretamente na língua francesa: 'Eu converso em francês com os cavalheiros e

⁵⁶ Frederico II (1712 - 1786): Foi o terceiro rei da Prússia entre 1740 e 1786. Frederico II centralizou o poder e elaborou um código de leis para todo o reino que eliminava legislações locais. Durante seu reinado entrou em vigor um código do processo civil, que tornava o poder judiciário independente do executivo, e foi criado o código civil, que vigorou de 1794 a 1800. Frederico II foi um grande administrador, que via no bem-estar de seus súditos o requisito fundamental para o fortalecimento do Estado. (Nota da *IHU On-Line*)

em alemão com os cavalos', brincava o déspota prussiano.

Bach já representava a música de igreja e especialmente o 'contraponto erudito' de fuga e cânone - habilidade de séculos que, naquela época, tinha desenvolvido tantas teorias e procedimentos esotéricos que alguns de seus praticantes se viam como guardiães de uma arte quase divina, que os transformava em autênticos tecelões da sua própria tapeçaria cósmica. Já Frederico e os músicos de sua geração - incluindo o filho de Bach, Carl - desprezavam o contraponto como rebarba de uma estética gasta, enaltecendo o elemento prazeroso e fácil da canção, a ornamentação harmônica de uma única linha melódica - resumido no que foi chamado, na época, de 'estilo galante'.

Arnold Schoenberg interpretou o desafio de Frederico como um esquema malicioso para humilhar Bach, derrotando-o em seu próprio jogo. E considera que Bach deve ter acusado o golpe e reconhecido o truque maldoso, pois, o fato de ele chamar sua obra de *Musikalisches Opfer* é muito peculiar: 'A palavra alemã *opfer* tanto pode significar 'oferenda', como também 'sacrifício' ou 'vítima'.' Bach apenas fazia eco a um personagem do passado que era o seu modelo: Lutero, um homem cuja carreira inteira foi definida como um ato

heróico de desobediência. Gaines explora esta veia interpretativa, complementando-a com inúmeros outros detalhes notáveis, extraídos da musicologia.

De qualquer forma, o desafiador encontro entre Frederico e Bach resumiu o agudo conflito entre o profano e o sagrado, a razão e a fé - que esteve no centro do debate cultural setecentista. E aos olhos de hoje, Frederico parece levar certa vantagem: a idéia de que o mundo não passa de uma máquina auto-suficiente parece confirmar-se na contemporânea cara-de-pau com quaisquer princípios transcendententes - que só aumenta a sensação de nossa época encontrar-se num insolúvel deserto ético. Bach já se aproxima daquela espécie de refugiado do 'tempo de Deus', completamente deslocado num mundo onde a religião pode ser ou inteiramente dispensada ou apenas limitar-se a uma visita semanal a um prédio. Um mundo sem nenhum sentido transcendente, desapegado do misterioso, do impalpável e do sublime. O que talvez explique porque a *Oferenda Musical* ainda provoque inspirações profundas, enlevos oníricos ou emoções nostálgicas em audiências tão distantes e longínquas do tempo de Bach e de Frederico.

Artigos da semana

Bach e a dramaturgia da conversão

POR MARCIA JUNGES

Márcia Junges, uma das integrantes da equipe de redação da revista IHU On-Line, do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), escreveu o breve texto a seguir a partir da leitura dos Cadernos Teologia Pública nº 27, de Christoph Theobald, Música e teologia em Johann Sebastian Bach. Sobre o compositor alemão se destacam os eventos promovidos pelo IHU semana passada, na programação Páscoa 2007: Cultura, arte e esperança. Tratam-se das audições comentadas 1) A expressão musical da fé em Bach e Mozart - audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K 427, de Mozart, 2) Himmelfarhtsoratorium (Oratório de Ascensão) BW 11, de Bach e 3) A paixão de Cristo segundo São João - BWV 245, de Bach, todas conduzidas pela Prof.^a Dr.^a Yara Borges Caznok, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Theobald é teólogo jesuíta, professor de Teologia Fundamental e Dogmática na Faculdade de Teologia do Centre-Sèvres, em Paris, em questões de teologia fundamental e de história da exegese. É redator-chefe adjunto da revista Recherches de Science Religieuse. Ele é autor, entre outros livros, La Révélation. Paris: Atelier, 2006 e está para sair pelas Du Cerf, o livro Le christianisme comme style une manière de faire de la théologie en post-modernité (O cristianismo como estilo. Uma maneira de fazer teologia a pós-modernidade).

Jornalista graduada pela Unisinos, Junges cursou pós-graduação em Ciência Política pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e mestrado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) com a dissertação A crítica de Nietzsche à democracia: a grande política como tentativa de superação do niilismo. Em 16-10-2006 apresentou o IHU Idéias baseado nas conclusões de sua pesquisa de mestrado. Sobre o tema, concedeu entrevista à IHU On-Line edição 204, de 13-11-2006. A edição 143 da IHU On-Line, de 30-05-2005, traçou o perfil de Junges no IHU Repórter, disponível para download na página do IHU, www.unisinos.br/ihu.

De acordo com Martin Lutero, depois da palavra de Deus, a única coisa a ser exaltada legitimamente era a música. A definição luterana de fé como escuta faz-nos pensar na importância da música para além do fenômeno estético em si, mas como uma forma de transcendência,

de estabelecer uma ponte com o “incomunicável”, com o incomensurável, com o infinitamente grande e o infinitamente pequeno. Para usar uma das idéias desenvolvidas por Theobald, a monadologia de Johann

Sebastian Bach⁵⁷, em seu discurso musical, “exige do ‘ouvinte implícito’ que ele entre no mundo sonoro fortemente estruturado e perfeitamente fechado”⁵⁸. Esse mundo sonoro consegue despertar em nós a consciência de que existe uma tensão paradoxal entre “o Espírito realmente dom, e a fraqueza, sempre persistente, da carne”⁵⁹. Essa tensão permanente só pode ser unificada pela fé, e a música é o veículo dessa unificação. Mais do que ouvir a música, é preciso fruí-la, quando as experiências estética e religiosa se conectam. Uma hospitalidade ilimitada é o que o ouvinte pode esperar.

A experiência de escuta como ato de fé “é a chave teológica de um deslocamento no âmago da estética que, no luteranismo, valoriza sobretudo o ouvido e a música, fazendo passar a vista e as práticas visuais para um segundo plano”⁶⁰. Música é presença, e Theobald enfatiza a impossibilidade de tentar fixá-la, “frustrando qualquer desejo indiscreto de ver ou apoderar-se do ser de Deus”⁶¹. A teologia do estilo de Bach situa-se nesse contexto. Compositor barroco luterano, esse *Cantor*⁶² proporciona uma “abertura” ao mundo sonoro. Aí estamos prontos para participar da metamorfose do que é uma verdadeira obra de arte, não aquela que se propõe uma representação do mundo, mas sim a sua fluidez, sua mutabilidade expressa pelo som, pela palavra, pelo dito

⁵⁷ Johann Sebastian Bach (1685-1750): O IHU há quatro anos, por ocasião do tempo de Páscoa trabalhou as seguintes composições de Bach: 1.- A Paixão segundo Mateus - BWV 244;

2.- A Paixão segundo João - BWV 245; 3.- Missa em Si Menor - BWV 232; 4.- Oratório de Páscoa - BWV 249; 5.- Oratório da Ascensão - BWV 11; 6.- - Christ Lag In Todes Banden, BWV 4. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁸ THEOLBAD, Christoph. Música e Teologia em Johann Sebastian Bach. *Cadernos Teologia Pública*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2007, nº 27, p. 33. (Nota da autora)

⁵⁹ Ibidem, p. 33. (Nota da autora)

⁶⁰ Ibidem, p. 8. (Nota da autora)

⁶¹ Ibidem, p. 8. (Nota da autora)

⁶² Ibidem, p. 21. *Cantor*: conforme definição dada por Theobald, cantor era aquele que, na época da Reforma, “entoava, sustentava ou dirigia o canto nas comunidades protestantes”. Idem. 2007:21. (Nota da *IHU On-Line*)

e por podermos “ouvir o que os ouvidos próprios jamais haviam escutado”⁶³.

Theobald explica que o discurso musical bachiano tem como característica “dar lugar ao ouvinte e propor-lhe algo, não uma manifestação sensível de visão exuberante da graça como no barroco católico, mas uma dramaturgia de conversão, tornando-o participante da concepção de um novo imaginário ao mesmo tempo estético e espiritual”⁶⁴. Ouvir é entrar em comunhão através dos sons, e a circularidade característica do universo barroco produz um efeito que abre-se à “presença do infinito pelas descontinuidades que introduzem especialmente os silêncios, as quebras de ritmo, a alternância de movimentos ascendentes e descendentes, os cromatismos ou as relações harmônicas surpreendentes, ou, ainda, os contrastes de estilos”⁶⁵. Mas engana-se quem pensa que apenas um cristão ou um luterano pode fruir a experiência do belo de forma desinteressada, kantianamente, pois como afirma Theobald, “se o dom que a música representa é realmente gratuito, é possível relativizá-lo por referência ao despojamento último de uma existência, o qual permanecerá para sempre como seu segredo: ‘a música é a única coisa que deve ser exaltada após a Palavra de Deus’”⁶⁶. A música como “expressão carnal do dom absolutamente desinteressado de Deus”⁶⁷ comunica a gratuidade super-abundante, que nos possibilita nela entrar como ouvintes livres. Para finalizar com um intrigante questionamento de Theobald: “Não ficaria assim bem claro que a distinção entre a experiência do belo e a eventual conversão do ouvinte resulta de razões teológicas”⁶⁸?

⁶³ Ibidem, p. 9. (Nota da autora)

⁶⁴ Ibidem, p. 10. (Nota da autora)

⁶⁵ Ibidem, p. 10. (Nota da autora)

⁶⁶ Ibidem, p. 34. (Nota da autora)

⁶⁷ Ibidem, p. 18. (Nota da autora)

⁶⁸ Ibidem, p. 18. (Nota da autora)

Hegel. “A fenomenologia do espírito”. 200 anos

Traduzimos e publicamos a seguir um artigo de Antonio Gnoli, escritor e jornalista italiano, autor de vários livros, publicado no jornal La Repubblica, 24-03-2007.

Em março de 1807, aos 37 anos, G.W.F. Hegel⁶⁹ publicou *A Fenomenologia do Espírito*. A obra - árdua, obscura, indecifrável - deixou apavorados os poucos leitores contemporâneos colocados diante de uma linguagem de abstrusa profundidade. Quase duas décadas antes, também Kant havia semeado uma desorientação igual. Tanto é que Fichte⁷⁰ atreveu-se a dizer que a sorte do pai da “Crítica” se devia em grande parte à sua obscuridade. Mas não era um pouco toda a filosofia alemã que estava ameaçada pela incompreensão? Há tempo sua linguagem se lançara nas duras terras da abstração. O próprio Marx, que nascia de uma costela de

⁶⁹ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 - 1831): foi um filósofo alemão. Recebeu sua formação no “Tübinger Stift” (seminário da Igreja Protestante em Württemberg), onde manteve amizade com o futuro filósofo Friedrich Schelling. Deixaram-lhe fascinado as obras de Spinoza, Kant e Rousseau, assim como a Revolução Francesa. Muitos consideram que Hegel representa o cume do movimento alemão no que se refere ao idealismo filosófico do século XIX, e que, devido a ele, houve um impacto profundo no materialismo histórico de Karl Marx. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁰ Johann Gottlieb Fichte (1762-1814): foi um filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Friedrich Schelling, G.W.F. Hegel e Arthur Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia, depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação de uma crítica de toda a revelação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor para publicar o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus *Discursos à nação alemã* são sua obra mais conhecida. (Nota da *IHU On-Line*)

Hegel, e que também se atribuíra um estatuto de cientista social, gostava de surpreender com o estro do linguajar enigmático. Ademais, ele fez do enigma uma prerrogativa da mercadoria e da filosofia o seu espelho.

Seu “mestre” não era, pois, uma exceção. Como não o será, um século e meio mais tarde, Heidegger. A língua hegeliana se pôs ao serviço de uma tarefa imensa: reconstruir o templo da filosofia, utilizando as mesmas arquiteturas que havia precedentemente demolido. Não existe um grande filósofo que não tenha tentado lançar no solo as majestosas metrópoles do pensamento edificadas por outros. A ponto de se poder imaginar a filosofia como uma máquina de guerra que vai à conquista de territórios, saqueando os habitantes ou submetendo-os.

Hegel somente tornou explícito o caráter bélico do mais seráfico entre os saberes. Mas, pela primeira vez, o “parricídio” não era cometido contra um nome, uma identidade, uma figura, uma pessoa, uma escola, mas, antes, em referência a tudo o que o pensamento havia pensado até aquele momento. Hegel não é somente um filósofo: é também um predador do espírito. Há qualquer coisa de pantagruélico e impiedoso, de onívoro e cínico em seu comportamento. Deplora a estagnação, desconfia das leis (sobretudo das científicas), teme a força da experiência. Mas, ao mesmo tempo, sabe que tudo o que o oprime ou obstaculiza intelectualmente pertence, ainda antes do que ao céu das idéias, ao teatro do mundo. O que aí acontece - com os homens que aí se agitam, as histórias que aí se narram, os pensamentos que se tornam vivos no espírito - é unicamente objeto de

explicações parciais. Boas para justificar um ponto de vista, mas incapazes de restituir a verdade em seu esplendor. Nem mesmo Deus - segundo o pastor luterano fracassado - pode aspirar a iluminar-nos. As nossas vidas, os nossos pensamentos, as construções às vezes fantasiosas, outras ainda admiravelmente fechadas, são, aos olhos do filósofo, destinadas a perecer. Como se pode imaginar uma civilização à prova de decadência? Até onde se pode lançar o pensamento sem cair no delírio da onipotência? Deus deve calar-se na história e, ao mesmo tempo, a história fazer-se um Deus. Parece um jogo de prestígio, uma sutileza. Na realidade, é a obsessão que Hegel traz dentro de si. Tem um conhecimento monstruoso da história da filosofia. O seu olhar abraça o Oriente e o Ocidente. Como jovem se apaixonou por Eleusis, flertou com os místicos (Eckhart⁷¹ em particular), descobriu a força de Platão e Agostinho. Conhece as virtudes de Spinoza, admira Rousseau, mas, ao mesmo tempo desconfia deles. Pensa no espírito e na política. Não só a potência do pensamento especulativo, mas o desígnio divino e os prometedores faustos da cidade celeste pavimentam a sua pesquisa. Onde e como realizar um programa tão poderoso? A qual verdade pretende aspirar? Em qual abismo terrestre procura o eterno?

A obsessão se transforma na lenta e magistral bulimia.

Os poucos amigos o descrevem como probo, racional, dotado daquela segurança que as mentes excelsas por vezes desenvolvem. Sob aquela calma bate na realidade o coração de um canibal. Às vezes, tomado pelo furor especulativo - mostrava a voracidade do canibal. Naquelas circunstâncias estava em condições de devorar

⁷¹ Mestre Eckhart é a filosofia alemã em plena capacidade negativa e prenha do Nada, que é Deus. Como tal, Eckhart insere-se na longa corrente de uma mística neo-platônica eivada dos insights poderosos de Agostinho e do Pseudo Dionísio Areopagita. (Nota da *IHU On-Line*)

qualquer coisa. Não havia bocarra filosófica que ele não atacasse para depois conduzi-lo à altura do nariz. Ele o perscrutava, o farejava e, em poucos instantes, decidia se devia engoli-lo ou jogá-lo no lixo como refugio. Sentia-se o soberano de uma tribo imaginária, a do espírito, como também reconhecia a Napoleão a mesma potência no território da matéria. A lenda quer que ele tivesse terminado de escrever a *Fenomenologia do Espírito* no mesmo dia em que Napoleão entrou em Lena como vencedor. E anotou o evento numa carta: “Vi o imperador, esta alma do mundo - cavalgar através da cidade para fazer seu reconhecimento: é realmente um sentimento maravilhoso a vista de tal indivíduo que, concentrado aqui num ponto, sentado sobre um cavalo, abraça o mundo e o domina”.

Havia algo de cinematográfico naquela descrição. Às vezes Hegel hesitava em cima das imagens. Improvisamente, a tetra floresta verbal de sua prosa se incendiava de cores belíssimas. E, no fundo, pode-se também pensar na *Fenomenologia do Espírito* como um grande afresco hollywoodiano, uma espécie de movimentado drama de fim alegre com protagonistas de alta classe e coadjuvantes confiáveis. Em suma, aquilo que os manuais teriam chamado de idealismo alemão, também podia ser interpretado como o sonho filosófico de uma terra, a Alemanha, que havia deixado de sonhar. Mas de que modo a filosofia teria podido dizer qualquer coisa de especial e de definitivo com respeito à ciência, à arte, à religião, à política? Qual “Absoluto” teria estado na altura desta tarefa? Qual “Totalidade” capaz de satisfazer a desmesurada ambição? Hegel não tinha o deserto nas costas. Não havia por trás dele anões da filosofia, mas titãs que vigiavam o sono do mundo, construindo grandes máquinas do pensamento. Arquiteturas rarefeitas, mas, não obstante catedrais da especulação que não se podiam ignorar: Kant, Herder⁷²,

⁷² Johann Gottfried von Herder foi um filósofo e escritor alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

Fichte, Jacobi, Schelling tinham surgido como flores abstrusas daquele mundo asfixiante e miserável que era a Alemanha do século XVIII. Um território que Marx condenará à inação política e que o jovem Hegel verá como uma promissora ocasião de ressarcimento. Bastava derrotar aqueles gigantes, devorá-los com lenta determinação e ampliar, assim, a própria força, para ser não mais um dentre eles, mas o único. O único em condições de escrever a palavra fim. Porque era do fim que era preciso partir para retornar ao início e dali percorrer novamente todo o caminho. Tratava-se de um esforço intelectual monstruoso, cujo desafio era o Absoluto. Não o vazio abstrato dos metafísicos que o haviam precedido, mas aquele denso de vida, palpitante de histórias, rico de eventos: um Deus, precisamente, que se fazia história e a história que se tornava Deus. Um Deus que estava em condições de pensar a si mesmo fora de si e que no final, após a atormentada saída de si, voltasse para dentro de si, enriquecido pela experiência do mundo. Eis o exercício acrobático com o qual Hegel se aprestava para domesticar os gigantes do passado, introduzindo-os em sua corte.

Anos de estudo e de vigílias, em Tübingen, Berna, Frankfurt, lhe haviam afinado o espírito dialético. Vieram depois os anos decisivos em Jena: o rumor dos canhões, os acampamentos das tropas francesas que ocupavam a cidade, os fogos entrevistados da janela do estúdio, excitavam-lhe a fantasia. Uma nova aurora se anunciava. Uma aurora que a *Fenomenologia*, semelhante a um grande romance filosófico de andamento faustiano, teria narrado como o fim do velho mundo. Hegel queria segurar o decurso da vida, capturar-lhe o movimento sem aviltá-lo nos atritos da existência. Queria que a vida se revestisse com aquele poder que ela própria negava: o poder da existência humana sobre a inquietude, sobre a angústia, a finitude, a morte.

Pode soar como algo extravagante que um metafísico - o que, no fundo, ele permaneceu - dirija o olhar ao

mundo das coisas e dos homens e à história que tudo envolve. Nada é mais infiel e mais instável do que aquele solo coberto de pó e de sangue, dominado pelo rumor da batalha, dos ecos dos passos dos soldados. Não é somente Jena. É o mundo que se reflete naquele espelho de vida prussiana.

Diferentemente de um escritor, um filósofo em geral não dá testemunho de si e da própria vida, mas expõe teorias. E, cada vez que o faz, espera demonstrar, se não de modo definitivo, pelo menos profundamente o seu grau de compreensão do mundo. Aquela mítica entidade que é o Ser é ostentada como o objetivo do seu trabalho, a razão última do seu pensar. Não é necessário observar que tal metafísica resultava sendo insatisfatória para a incapacidade de sanar a distância entre o Uno e o Múltiplo, entre O de lá e O de cá, entre Deus e o mundo. A *Fenomenologia* deveria ter preenchido aquele vazio, unir, de algum modo o que não era unificável. Mas como manter solidamente juntas a realidade fugidia, ambígua e contraditória do mundo com a perfeição celeste? Como não macular o Absoluto com as baixezas do mundo e, ao mesmo tempo, de que modo alçar este último ao céu da idéia? O instrumento da dialética - a arma letal da qual Hegel se munira - teria realizado de maneira nobre esta tarefa.

O que resta hoje da *Fenomenologia do Espírito*? O lado anedótico da pergunta nos remete à origem da história. O editor Goebhardt - espantado com a magnitude e a obscuridade - só imprimiu 750 cópias. Poucas semanas antes que a obra fosse publicada, Hegel tornou-se pai. Aos 5 de fevereiro de 1807 nascia Louis, o filho ilegítimo tido com sua serviçal. Este drama, por longo tempo mantido oculto pelos biógrafos, atormentará o filósofo (a ponto de se encontrarem vestígios disso na própria *Fenomenologia*). Louis terá o cognome da mãe. E, embora se sentisse particularmente ligado à criança, Hegel lhe recusará a paternidade. Procurará inseri-lo na família que entrementes havia

constituído com uma mulher que lhe dará dois filhos. Mas Louis Fischer - que comoveu Goethe por sua sensibilidade e inteligência - jamais conseguiu integrar-se. Ao completar vinte anos, alistou-se no exército holandês e morreu de febre em Java, aos 28 de agosto de 1831. Dois meses depois, Hegel morreria pela epidemia de cólera que se difundira em Berlim. Antes de morrer, retomara em suas mãos sua obra prima. Mas, teve tempo apenas para rever umas trinta páginas. Morreu, pois, quem era um filósofo célebre e difícil. A *Fenomenologia do Espírito* foi um texto pouco estimado no século XIX. A sua sorte floresceu improvisamente no século XX, entre as duas guerras. Na França, Jean Wahl⁷³, Alexandre Koyré⁷⁴, Jean Hyppolite e, sobretudo, Alexandre Kojève contribuíram para sua liberação. Gyorgy Lukács⁷⁵ e Ernst Bloch⁷⁶ lhe relevaram a importância. Também Heidegger forneceu sua interpretação. Em função de quê tanta atenção?

Pensando o mundo, Hegel o imagina como um teatro: um conjunto de cenas desfilando sob o seu olhar. Deste ponto de vista, o desenvolvimento da *Fenomenologia* ocorreu através de um movimento que, da consciência imediata, ancora no Saber Absoluto. O caminho - que tem a forma de uma verdadeira e própria viagem - é borrifado pelas experiências que o espírito deverá fazer. O intelecto, a consciência infeliz, a luta entre o servo e o senhor e o desejo do reconhecimento, o fazer-se da lei, o prazer e a necessidade, a passagem do mundo feudal à monarquia, as belas almas e o heroísmo, o iluminismo e a superstição, a liberdade e o terror, o misticismo e a religião revelada, são alguns dos quadros que encontramos na obra. Hegel os delineia reduzindo-os à sua própria linguagem. A obscuridade que os envolve é a

⁷³ Jean André Wahl (1888 - 1974) foi um filósofo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁴ Alexandre Koyré: Filósofo francês de origem russa que escreveu sobre história e filosofia da ciência. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁵ Gyorgy Lukács. Filósofo e crítico húngaro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁶ Ernst Bloch (1885 - 1977) foi um filósofo alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

garantia que algo de ignoto está vindo à luz. Não se pode evitar a conclusão que o que vem ao encontro do leitor é um habilíssimo jogo acrobático, no qual o árbitro e a necessidade se familiarizam com as palavras, criando um singular equilíbrio entre o evento e o discurso. O que acontece pode ser narrado. Mas somente porque o narrado acontece realmente. É um movimento que dois séculos após o sistema da mídia (não aquele do espírito) teria tornado evidente em toda a sua obviedade. De resto, após Jena, Hegel dirigiu-se a Bamberg, onde desenvolveu por um ano e meio o trabalho de jornalista. Conheceu a ânsia da notícia, a crueldade da censura e a língua que se corrompia. Terminada aquela experiência, voltou a ser “Hegel o obscuro” que acreditava que a palavra não devia ficar simplesmente reclusa na linguagem, sendo preciso que ela falasse entre as coisas e, enfim, voltasse a si enriquecida por aquela experiência. A *Fenomenologia* conclui com o triunfo do Saber Absoluto. Poder-se-ia ironizar sobre a consistência desta soberania misteriosa que é a totalidade hegeliana. Ou tentar lê-la nos tantos modos pelos quais foi lida: fim da história, nascimento de um novo saber, triunfo da civilização cristã-burguesa, metáfora do totalitarismo ou afirmação do mais puro ateísmo. Mas, no final de tudo, aquela obra nos diz também algo de essencial sobre a modernidade. Diz-nos que o filósofo deve banhar o próprio pensamento na tempestade. Diz-nos que existiram muitíssimos pensadores com o guarda-chuva aberto, resguardados da chuva, esperando que o céu tornasse a clarear.

Georgescu-Roegen, criador da bioeconomia, revisitado

Maria Clara R. M. do Prado, jornalista, autora do livro A real História do Real, em artigo publicado no jornal Valor, 29-03-2007 comenta a obra do economista Nicolas Georgescu-Roegen. Eis o artigo

Há algo de instigante em alguns dos fatos deste início de século que nos remete aos escritos do economista romeno Nicolas Georgescu-Roegen. Estes fatos estão inter-relacionados. São, por assim dizer, resultante do processo de liberalização que o mundo passou novamente a experimentar a partir da década de 1990, combinado desta vez com os benefícios do rápido avanço tecnológico que lançou a humanidade nos braços da chamada sociedade da informatização.

O que instiga é a percepção de que este período de franca supremacia do uso da tecnologia a favor do bem-estar e do progresso econômico também tem se revelado como um período de proeminência daqueles que historicamente têm sido classificados como os bens mais primários à disposição do homem, os recursos naturais. E, mais interessante, enquanto caem os preços dos bens, serviços e sistemas alimentados por atualizadas descobertas técnicas, sobem os preços dos bens mais elementares e básicos.

Um verdadeiro paradoxo, impensável nos tempos do auge da corrente estruturalista, que nas décadas de 1950 e 1960 entendia estar a América Latina em permanente desvantagem com os países mais desenvolvidos. O que a diferenciava era justamente o fato de ser abundante em recursos naturais e carente de uma indústria sólida que garantisse agregação de valor ao sistema de produção. Uma coisa parecia vir colada à outra. Daquela escola de pensamento, como se sabe, nasceram as iniciativas de substituição de importações com o objetivo de proteger o processo de industrialização dos efeitos danosos dos desequilíbrios da balança comercial. A perpetuação destes desequilíbrios refletia-se na diferença entre a

baixa receita cambial obtida com a venda dos produtos primários, de baixo valor agregado, e as despesas cambiais geradas com a compra dos produtos industrializados, cujos preços eram ditados pelos chamados centros do poder econômico internacional.

Cinquenta anos depois, países como o Brasil tiram proveito dos altos preços das *commodities*, tanto agrícolas quanto minerais, praticados no mercado externo, enquanto que importam bens a preços relativamente mais baixos. É como se a relação de troca tivesse se tornado mais favorável ao país, sem que muito esforço precisasse ter sido feito no campo da industrialização. No caso brasileiro, pesa ainda a valorização do real frente ao dólar, que acentua o favorecimento da atual relação de troca.

De fato, quando se olham os elevados preços do minério de ferro, um produto que não valia praticamente nada há não muito tempo; quando se toma conhecimento dos baixos estoques disponíveis para consumo do níquel e de outros metais; quando se acompanha a escalada ocorrida nos preços do petróleo; e, finalmente, quando se depara com a corrida desenfreada dos investidores em direção aos biocombustíveis, em especial o etanol, dá para pensar seriamente que Georgescu-Roegen estava coberto de razão ao chamar atenção, ainda nos anos 1960 e 1970, para o fato de que, no fundo, o que é efetivamente escasso não é o capital e nem a mão-de-obra, mas os recursos naturais.

Ele se valeu de conceitos da física, como a segunda lei da termodinâmica, para exaustivamente defender a idéia de que todo o progresso tecnológico possível não seria

suficiente para contornar as principais características de finitude e de esgotamento inerentes aos recursos naturais e à terra arável, conforme colocou claramente em um de seus artigos, intitulado "Energy and Economic Myths" ("Energia e Mitos Econômicos"), publicado em janeiro de 1975 no *Southern Economic Journal*, 41, nº 3. Cita, como exemplo, para justificar sua tese, o fato do consumo *per capita* de aço ter aumentado em 44% em apenas uma década, entre 1957 e 1967.

Se vivesse hoje, Georgescu (faleceu em 1994) mais motivos encontraria para reafirmar sua posição que encontra hoje, sem dúvida, ressonância entre os ecologistas e ambientalistas, não apenas junto aos que se preocupam com os efeitos das emissões de gás carbônico, mas também aqueles que já começam a chamar atenção para os reflexos nocivos da projetada expansão da área plantada de cana-de-açúcar com vistas à produção de etanol. Além da possível consequência da erosão da terra, uma massiva produção de cana tende a deslocar para espaços menos nobres em termos de acessibilidade o cultivo de outras *commodities*.

Na época de Georgescu, a grande fonte energética alternativa ao petróleo era a energia nuclear, que foi fartamente implantada na Europa e chegou a ser introduzida nos países menos desenvolvidos, como o Brasil, a custos de instalação astronômicos. Antes disso, predominava o carvão. O tema energético atravessa gerações há séculos e o preço acaba acomodando as diferenças entre demanda e oferta, através da alocação de recursos que considera custos, disponibilidade e

sustentabilidade. Só não tem conseguido acomodar o custo do efeito deletério da exploração dos recursos naturais, não só pela faceta poluente, mas também pela perspectiva de perecimento. E esse era justamente o ponto que passou a separar o pensamento do economista romeno, naturalizado norte-americano, dos seus colegas.

Hoje, o Brasil é auto-suficiente em petróleo e se apresenta, além disso, como o maior e melhor produtor potencial de etanol, graças à tecnologia desenvolvida para tornar o álcool utilizável como combustível. Neste ponto, Georgescu parece ter subestimado a capacidade do homem de reinventar as possibilidades de uso dos recursos naturais, o que não invalida a essência de sua tese no sentido de que os recursos naturais são finitos.

O Brasil é sem dúvida um grande privilegiado neste novo processo porque tem o que é escasso no mundo. A pergunta que se faz é se a valorização dos minerais e das *commodities* agrícolas veio para ficar. Ou seja, estamos falando de uma vantagem comparativa duradoura ou passageira? Se a resposta for passageira então pode-se estar cavando um problemão, pois muito tempo iria demorar para recolocar o setor industrial em condições de competir internacionalmente.

Georgescu-Roegen, criador da "bioeconomia", chegou a prever que os residentes dos países mais desenvolvidos deveriam aceitar a perda de parte dos seus altos padrões de vida para que os países em desenvolvimento pudessem escapar da pobreza. Por enquanto, a valorização dos recursos naturais tem ajudado os mais pobres.

Análise de Conjuntura

A página do IHU - www.unisinos.br/ihu - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise de conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 27-3-2007 e pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item "IHU por e-mail"

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

A estética da multidão

Barbara Szaniecki

Confira nas Notícias Diárias do dia 27-03-2007

A doutoranda no Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, Barbara Szaniecki, falou sobre seu livro *A estética da multidão* que, utilizando o conceito de multidão, de Antonio Negri e Michael Hardt, estuda a prática da produção de cartazes políticos.

Desafio inacabado: A política externa de Jânio Quadros

Carlos Leite Barbosa

Confira nas Notícias Diárias do dia 28-03-2007

Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Carlos Leite Barbosa, lançou recentemente o livro *Desafio inacabado - a política externa de Jânio Quadros*. Na entrevista, ele relata alguns pontos interessantes desse governo no que se refere à política externa.

Desolação no Paraná. Terra da soja, cana-de-açúcar, pínus e eucaliptos**Jelson Oliveira**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 29-03-2007

A monocultura da soja, da cana-de-açúcar e o reflorestamento de pínus e eucaliptos tomaram conta dos campos paranaenses, com graves impactos ambientais e sociais. Essa realidade é analisada por Jelson Oliveira, do Conselho da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Paraná.

A crise da Carta Maior**Flávio Aguiar**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 30-03-2007

O editor chefe da Carta Maior, Flávio de Aguiar, falou sobre o problema que a Carta Maior enfrenta e o que seria preciso fazer para que fosse solucionado.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM REPRODUZIDOS NAS *NOTÍCIAS DIÁRIAS* DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)**Uma política de economia solidária****Paul Singer**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 27-03-2007

Em artigo, o economista Paul Singer fala em economia solidária. Segundo ele, a maioria dos movimentos sociais que lutam contra a miséria e a exclusão social se vale da economia solidária para alcançar seus fins.

DEM, o lobo mau banguela**Guilherme Fúza**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 27-03-2007

Guilherme Fiúza comenta a criação do "novo PFL", sob a sigla de DEM.

Negro brasileiro se sente oprimido**Carlos Santana**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 28-3-2007

Em entrevista ao jornal *Estado de S. Paulo*, o deputado federal Carlos Santana, da Frente Parlamentar da

Igualdade e Promoção Racial, afirma que o racismo de negros contra brancos é bastante forte no Brasil.

É uma incitação ao ódio racial**Demétrio Magnolli**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 28-03-2007

O sociólogo Demétrio Magnolli, da USP, afirma em entrevista ao jornal *Estado de S. Paulo*, que a declaração da ministra Matilde Ribeiro foi uma clara incitação ao racismo.

'O catolicismo se fossilizou'**Leonardo Boff**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 30-03-2007

Entrevista no jornal *Valor* com o teólogo católico Leonardo Boff, que analisa as ações do Papa e diz que o catolicismo transformou-se num baluarte de conservadorismo.

Eventos

Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 2-4-2007

Cantando sonhos e certezas

Coral Juvenil e Coral Maior Unisinos

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Espaço cultural IHU - 18h45min às 19h30min

Dia 3-4-2007

Cantando sonhos e certezas

Coral Juvenil e Coral Maior Unisinos

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Espaço cultural IHU - 18h45min às 19h30min

Dia 4-4-2007

Exibição do filme: A agenda (L'emploi du temps), de Laurent Cantet

Prof. MS Fábio Alexandre Moraes

Ciclo de Filmes e Debates - Trabalho no Cinema

Sala 1G119 - IHU - 19h15min às 22h15min

A agenda, de Laurent Cantet

CICLO DE FILMES E DEBATES - TRABALHO NO CINEMA

Discutir aspectos do filme A agenda (L'emploi du temps), de Laurent Cantet, drama francês lançado em 2001. Essa é a atividade que acontece nesta quarta-feira, dia 04-04-2007, dentro da programação do Ciclo de Filmes e Debates - Trabalho no cinema. O responsável pelos comentários, a seguir, do filme é o do Prof. Dr. Fábio Alexandre Moraes, da Unisinos. Fábio Alexandre é psicólogo, especialista em saúde mental coletiva (ESP-RS), mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), docente e atual coordenador executivo do Curso de Psicologia da Unisinos.

IHU On-Line - De que maneira o cinema vem tratando o tema trabalho?

Fábio Alexandre Moraes - Desde os *Tempos modernos*⁷⁷, de Chaplin⁷⁸, o trabalho é retratado no

⁷⁷ **Tempos modernos**: filme do cineasta britânico Charles Chaplin de 1936, em que o seu famoso personagem "O Vagabundo" (*The Tramp*)

cinema como algo penoso, com pessoas submetidas ao movimento das máquinas, ao tempo cronometrado e a locais insalubres. Também traz, com certa frequência, o tema da escravidão, forma abjeta de submissão do corpo ao “trabalho”, ou a forma de atividade humana que se restringe ao sofrimento e a tortura. Ao mesmo tempo, o cinema também retrata a ociosidade, a vida sem trabalho dos ricos e poderosos. Na verdade, acredito que o cinema mostra a divisão que, de forma leiga, fizemos no mundo do trabalho, na sua relação com o poder. Além disso, mostra aqueles que, para sobreviver, se submetem a qualquer coisa, e os donos dos meios de produção, os quais pouco ou nada trabalham. Mas há filmes (dramas e documentários), alguns difíceis de serem encontrados, que aprofundam o tema, contextualizando suas histórias na organização do trabalho em dado momento histórico, no problema da imigração, no impacto das novas tecnologias, no processo de subjetivação possibilitada por esta atividade humana, no desemprego e nas lutas por melhores condições laborais.

***IHU On-Line* - Como o cinema pode ajudar nesta questão?**

Fábio Alexandre Moraes - Justamente quando se propõe a discutir essas questões que apontei acima. Imaginem o impacto que *Tempos modernos* causou quando, de forma absolutamente simultânea ao momento histórico em que foi produzido, mostrou, de forma contundente, as forças que atuavam sobre a

tenta sobreviver em meio ao mundo moderno e industrializado. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁸ Charles Chaplin (1889-1977): mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano, e posteriormente um notável diretor. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagens mais conhecidos. Seu principal personagem foi “The Tramp” (O Vagabundo): um andarilho com as maneiras refinadas e a dignidade de um cavalheiro. Chaplin foi uma das personalidades mais criativas da era do cinema mudo; ele atuou, dirigiu, escreveu, produziu e eventualmente financiou seus próprios filmes. (Nota da *IHU On-Line*)

mente e o corpo do trabalhador nas linhas de montagem. Não é por acaso que ainda voltamos a assisti-lo, revisando-o frente às novas pressões.

***IHU On-Line* - Quais as principais obras cinematográficas que retrataram bem o tema? Que filme você cita e por quê?**

Fábio Alexandre Moraes - Não sou um especialista da área. Por isso, busco a ajuda do professor Nelson Rivero e, juntos, pensamos nas seguintes obras: *Tempos modernos*, já citado, *A classe operária vai ao paraíso*⁷⁹; *Tudo ou nada*⁸⁰, *Nós que aqui estamos por nós esperamos* (documentário de Marcelo Masagão), *Coisas belas e sujas*⁸¹, *O corte* e *A corporação*⁸². Citamos esses filmes porque retratam, em lugares e países diversos, questões contemporâneas do trabalho. Do sofrimento do trabalhador nas linhas de montagem, que ainda existem e alienam, passando pelo desemprego e as estratégias para suplantá-lo (*Tudo ou nada*), e, com certeza, o advento de uma nova matriz tecnológica que se por um lado amplia e facilita as possibilidades do sujeito humano, por outro irá condenar milhões à marginalização.

⁷⁹ *A classe operária vai ao paraíso*: de 1971, dirigido por Elio Petri. Metalúrgico descobre a vida sindical, e fica dividido entre a sociedade de consumo e as convocações da esquerda tradicional. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁰ *Tudo ou nada*: longa de 1997, dirigido por Peter Cattaneo. Conta a história de seis homens desempregados que formam um show de striptease em busca de dinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

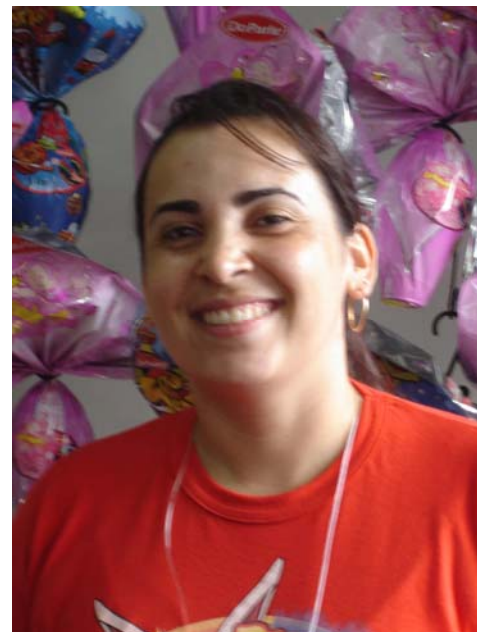
⁸¹ *Coisas belas e sujas*: suspense de 2002 dirigido por Stephen Frears. Um médico e uma camareira passam a investigar a vida do dono de um hotel decadente, localizado em Londres. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸² *A corporação*: longa metragem de 2003 dirigido por Jennifer Abbott e Mark Achbar. Profunda análise do mundo corporativo, a partir do estudo de crimes cometidos por transnacionais, e de dezenas de entrevistas com gente direta ou indiretamente ligada ao mundo corporativo. (Nota da *IHU On-Line*)

Perfil Popular

Lisiane Domingues Schons

A nova editoria da revista IHU On-Line descreve o perfil popular de alguém que, mesmo não vivendo no mundo acadêmico, sempre tem o que ensinar. Contaremos aqui a história de vida e a visão de mundo de pessoas que lutam pela sobrevivência e pela dignidade e que, apesar das dificuldades, têm sonhos e anseios de uma vida melhor.



Originária de Canoas, Lisiane Schons trabalha desde cedo, sempre em busca de novas oportunidades. Com dificuldades na vida familiar, ela aprendeu a superar obstáculos, sempre olhando para a frente.

Família - De uma família de três irmãos, Lisiane mora com a mãe e a irmã mais nova. Teve uma infância tranqüila. O pai era mecânico e a mãe, dona de casa. Aos 12 anos, as dificuldades bateram à porta da família e a mãe voltou a trabalhar. “Sempre tivemos um convívio bom em minha família. Éramos muito unidos.”

Estudos - Lisiane cursou o Ensino Fundamental em uma escola municipal da base de Canoas e o Ensino Médio foi realizado em duas escolas estaduais, Canoas e Marechal Rondon. Aos 17 anos, começou a procurar emprego para ajudar a família. “Meu pai tinha problemas cardíacos e começou o processo de se desligar da empresa onde estava empregado para trabalhar como autônomo. Tínhamos despesas de roupas, calçados e escola.

Comecei o supletivo para me formar mais rápido e poder trabalhar.”

Trabalho - O primeiro emprego conseguiu através do pai, em uma pista de kart, em Porto Alegre. Ela tinha uma jornada puxada. Trabalhava das 15 horas até a madrugada. “Nos três meses que fiquei lá, fiz muitas amizades, com pessoas que tenho contato até hoje.” Lisiane aproveitou a oportunidade para também se divertir. “Lembro que uma vez, quando fui andar de kart, passei por cima de um pé de um colega.”

Passagens - Lisiane passou por muitos empregos. Trabalhou em uma auto-escola, como secretária, por seis meses, até fechar. Ela não desistiu e conseguiu uma vaga em uma locadora de vídeos. “Na locadora, o trabalho era muito divertido, era um ponto de encontro dos jovens.” Aos 20 anos, conquistou um posto em uma empresa de manutenção de elevadores, onde ficou por quase dois anos. “Era um trabalho bom, mas eu não gostava de um

dos meus patrões; não nos dávamos bem. Como eles não queriam me demitir, acabei pedindo demissão. O último dia que trabalhei na empresa passei chorando.” Com a falta de oportunidades, Lisiane passou um ano desempregada. Nessa época, sua mãe voltou a trabalhar como enfermeira, cuidando de uma pessoa idosa em Porto Alegre.

Mudanças - Lisiane e a família moravam em um apartamento alugado, enquanto construíam a casa própria. “Com as dificuldades financeiras, não pudemos esperar e nos mudamos antes de a casa ser terminada. É uma casa boa, mas inacabada.” Lisiane protestou contra a mudança. “Eu não queria ir morar lá. Vivia no centro de Canoas e não queria mudar para tão longe, no bairro Estância Velha. Chorei um mês inteiro antes de me mudar. Acabei fazendo muitas amizades na vizinhança e hoje não quero mais sair de lá.”

Pai - Lisiane era muito apegada ao pai. Em 2005, ele sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral) no tronco cerebral e foi internado no hospital. No mesmo momento em que aconteceu o problema, ele perdeu a visão. “O pai passou 12 dias em coma no hospital, sempre com a minha mãe acompanhando de perto. Em seguida, ele faleceu. Perdi meu chão quando isso aconteceu.” Lisiane ressalta a importância que o pai teve em sua vida: “meu pai era tudo para mim. Meu melhor amigo. Amo minha mãe, mas não tenho com ela a relação que tinha com meu pai. Éramos mais apegados. Meus pais se separaram quando eu tinha 23 anos, e eu fiquei morando com meu pai, junto com a minha irmã. Nesses cinco anos, nos aproximamos muito mais do que antes”.

Dificuldade - Quando os pais se separaram, a situação financeira piorou. A família chegou a ficar sem luz e água, contando com a ajuda dos vizinhos. “Meu pai não conseguia trabalhar nessa época, mas continuamos muito

unidos. Continua visitando a minha mãe, mas não era a mesma coisa. Depois que meu pai faleceu, convidamos minha mãe para morar conosco, pois ela morava de aluguel.”

Casamento - Lisiane conheceu o Maychel, seu namorado, em sua nova vizinhança em Canoas. “Era um amigo, que costumava freqüentar a minha casa junto com os jovens da vizinhança.” O casal resolveu morar junto depois de dois anos de namoro. “Em vista da dificuldade que passávamos e também por um desejo dele, resolvemos morar juntos na minha casa. Ficamos cinco anos morando sob o mesmo teto. Hoje, ele mora com a mãe, mas continuamos juntos.”

Trabalho - Lisiane passou por uma gama variada de empregos. Trabalhou em uma fábrica de componentes elétricos durante alguns meses, como auxiliar de produção. “Depois de alguns problemas com o meu supervisor, eu e uma colega fomos demitidas.” O desemprego novamente bateu à porta da família. “Passei algum tempo desempregada depois disso. Nessa época, todos em minha família estavam desempregados. Minha mãe pagava as contas em casa.” Trabalhos temporários são freqüentes no currículo de Lisiane. Ela já trabalhou em um quiosque de maquiagem, em um shopping e como captadora nas Lojas Renner, onde preenchia propostas de cartões. O marido de Lisiane acabou por lhe trazer a próxima oportunidade. “Ele conhecia algumas pessoas em uma assistência técnica de relógios. Esse foi o emprego que passei mais tempo: dois anos.” Apesar de gostar do trabalho, ela achava a jornada pesada. “Trabalhava na área administrativa, mas o salário não compensava o esforço.” Também foi promotora, trabalhando com relógios na Renner no shopping de Novo Hamburgo. “Não podíamos ficar sem emprego. Aproveitávamos qualquer oportunidade que surgia”. Hoje, ela trabalha em uma assistência técnica da Motorola.

Chocolate - Lisiane trabalha também com a empresa de chocolates caseiros Monthez, há três anos. “Uma amiga em comum trabalha na distribuidora do produto, e avisou a minha irmã que a empresa iria precisar de promotoras na época da Páscoa. Fiz os testes, o treinamento e fui selecionada.” No primeiro ano, trabalhou entre Canoas e Novo Hamburgo. “No ano seguinte, fui chamada novamente, mas como estava começando na empresa onde estou hoje, não pude aceitar. Neste ano eu me ofereci para o trabalho, e, junto comigo, vieram minha irmã, minha cunhada e minha mãe, todas na mesma área. Um negócio em família. Encaixei minhas férias na época de páscoa para pode trabalhar novamente.” Lisiane considera um trabalho tranqüilo, onde pode ainda fazer amizades. Ela destaca as peculiaridades da função. “Tem sempre um ou outro homem que flertam com as promotoras. Trabalhando com o público, conhecemos pessoas muito queridas e outras nem tanto. Levamos alguns xingões às vezes.”

Planos - A trabalhadora tem os sonhos de todo o brasileiro. “Penso em ter a minha casa, meu carro e trabalhar em uma empresa na qual eu possa crescer na

carreira. Fiz um curso de massoterapia em busca de um emprego melhor.” Lisiane ainda tem o sonho de cursar uma faculdade, mas ainda não decidiu o curso. “Simpatizo com a Psicologia por gostar muito de ouvir as pessoas, conversar e ajudar. É um sonho mais distante, pois não é prioridade no momento.”

Futuro - O futuro já esteve mais distante de Lisiane. “Quando meu pai faleceu, eu desisti de muitas coisas. Perdi a vontade de casar e ter filhos e de muitas outras coisas. Fazendo terapia e com muito esforço recuperei a vontade de seguir em frente.” Hoje em dia, ela pensa em ter pelo menos dois filhos. “Quero ser para eles o que o meu pai foi para mim.”

Brasil - Ela é otimista em relação ao País, acreditando que ainda é possível resolver os problemas administrativos. “Para mim, o problema maior é a área da saúde. Precisei de um médico na semana passada e tive problemas. É muito precária a situação da saúde no País. Nós pagamos e quando precisamos o serviço não está disponível. A educação também está ruim. Tem muitas pessoas que tem vontade de estudar e não tem oportunidade.”

Marilene Maia

“Sou filha do asfalto.” Marilene tem muitas paixões, e Porto Alegre é uma delas. Costuma correr pela cidade e encontrar os amigos. Sempre com muita iniciativa, Marilene, desde cedo, trabalhou na paróquia de sua comunidade, onde ajudou muitas pessoas. No Serviço Social, encontrou a maneira de dar continuidade ao trabalho, problematizando o tema do trabalho, no qual foca sua carreira. Hoje, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, Marilene trabalha com competência e um sorriso no rosto. Conheça um pouco mais desta professora da Unisinos nesta entrevista a seguir.

Origens - Nasci e cresci em Porto Alegre. Sou uma filha do asfalto. Meus pais vieram do interior: meu pai do interior de Venâncio Aires e minha mãe de Pareci Velho. Tenho dois irmãos. Minha família é de trabalhadores. Meu pai é motorista de táxi e minha mãe, costureira. Tive sempre uma condição privilegiada, como a filha do meio do sexo feminino.

Estudos - Estudei em uma escola particular, Dr. Edmundo Gardolinski, no IAPI, desde a primeira série com uma bolsa de estudos. Tive a oportunidade de experimentar o convívio com as irmãs Palotinas e também uma estreita relação com a comunidade paroquial da igreja Nossa Senhora de Fátima. Com 12 anos, terminei a catequese e com 13 comecei a dar aulas, também de catequese. O Ensino Médio cursei em uma escola pública, Dom João Becker, também no IAPI.

Primeiros passos - Aos 14 anos, comecei a procurar trabalho em razão de minha mãe ter me dado um par de lentes de contato. Ela tinha trabalhado muito para me



dar as lentes e eu perdi as lentes, então fui procurar trabalho. O primeiro emprego foi como secretária paroquial, onde tive a oportunidade de me inserir mais intensamente na vida da comunidade.

Paróquia - Nessa época, convivi com o Pe. Ângelo Londero e com o Pe. José Miguel. Os dois eram pessoas que tinham a perspicácia investigativa, e então tive a oportunidade de compartilhar com eles as minhas inquietações. A inquietação que tive era que na paróquia vinham muitas pessoas pedir ajuda financeira, e havia pedidos de remédios. Isso realmente me incomodava, porque não tínhamos como ajudar. Uma pessoa que me tocou muito foi um pai de família que veio do interior e precisava de recurso para voltar para casa, pois o filho estava doente. Nesse dia, tinha recebido meu meio salário mínimo e resolvi dividir com aquele senhor. No final da tarde, quando saí da paróquia, encontrei aquele senhor deitado no chão depois de uma bebedeira, gasta com o meu dinheiro. Fiquei muito chateada com a situação, mas não com ele, como a maioria das pessoas

reagem quando ouvem essa história. Fiquei triste comigo, pois vi que ele precisava de ajuda, mas não ajudei da maneira certa. Levei este caso para o Pe. José Miguel e ele achou essa questão importante, que valia ser melhor trabalhada, e me indicou um curso de graduação que trabalhava nesta área, o Serviço Social.

Serviço Social - Mesmo com o interesse pelo curso, eu tinha outros desejos. Gostava muito de matemática e de lecionar. Também gostava de atividades físicas, como correr. Nessa época, também estava em alta o curso de Turismo, e eu sempre gostei de viajar. Desse modo, vi no curso uma oportunidade de juntar o útil ao agradável. Eu tinha muitas opções, mas meu desejo maior estava no Serviço Social por conta da minha vontade de entender melhor a realidade. Na época, o curso só existia na PUC e conversando em casa com a minha mãe demos um jeito de realizar esse sonho. Meu pai achou que era melhor eu repensar esse projeto. Para ele, eu deveria pensar em me preparar para ser mulher. Eu deveria aprender as coisas importantes para ser uma boa dona de casa. Acabei optando pela graduação em Serviço Social. Nessa mesma época, fiz o vestibular para Ciências Sociais na UFRGS e fui aprovada. Deixei meu trabalho na paróquia e cursei as duas graduações ao mesmo tempo. Mais tarde, acabei abandonando o curso na UFRGS.

Aprofundamento - O mestrado e doutorado cursei na PUC, sempre no campo do Serviço Social. Optei no mestrado pela área do planejamento, onde construí uma proposta metodologia de planejamento estratégico e participativo. Por conta disso, pude contribuir para algumas organizações da sociedade civil. O doutorado acabou sendo focado nessa área de trabalho, que também aborda a questão do planejamento.

Cáritas Brasileira - Tive muitas trajetórias nesse período. Trabalhei em uma creche no Campo da Tuca e

no Hospital da Criança Santo Antônio. No hospital, convivi com as apreensões da realidade. Lá eu fazia plantões nos fins de semana, e muitas vezes precisávamos dar as notícias de óbitos. Cada experiência me mostrou que fazia sentido o curso que eu escolhi e percebi que tinha condições de avançar nessa área. Depois disso, tive a oportunidade de fazer o estágio curricular e fui contratada como funcionária da Cáritas Brasileira, onde fiquei por vinte e um anos. Nesse trabalho tive uma experiência diferenciada, que conjugava o meu compromisso cristão com a perspectiva profissional.

Oportunidade - Depois de três anos de formada, em 1985, o coordenador me motivou a fazer o concurso para lecionar na Unisinos e passei. Fiquei um período afastada por conta do Mestrado, que acabou se prolongando em razão do enxugamento do currículo do curso. Em 1999, voltei a lecionar. Ao longo desse tempo afastada, fiz especialização em bem-estar social e também uma imersão na questão das políticas públicas. Essas duas áreas temáticas me encantaram; é onde eu encontro sentido para a intervenção profissional, tanto na área de planejamento quanto na perspectiva das políticas públicas. Desde que me formei, me inseri em alguns cargos de organização, como no do Conselho Regional de Serviço Social, onde, às vezes, assumo algum papel na diretoria. Também participei da Associação Brasileira de ensino e Pesquisa, em serviço social também, onde tenho uma forma de continuar construindo essa profissão.

Trajatória - Transitei na Unisinos por alguns espaços importantes, que me levaram a chegar ao IHU. O meu trabalho na Cáritas com as pastorais sociais e a inserção na Semana Social Brasileira, onde conheci o Pe. Inácio, de alguma maneira também contribuiu para isso. Na Unisinos, também atuei Ação Social, na área da saúde, que foi uma experiência bastante rica, onde trabalhei

com as políticas públicas. Tenho alguns desafios éticos, de entender que os processos são coletivos e eu devo potencializar isso. Uma outra perspectiva é a de tornar público o que fazemos. O IHU tem essa perspectiva.

Trabalho - O trabalho é um campo próprio do Serviço Social, que é também um exercício sociotécnico do trabalho. Em minha experiência na Cáritas, tive a oportunidade de trabalhar com a economia solidária, que na época estava se concebendo. Era um processo propulsor do campo do trabalho. Penso que algumas temáticas, como a Semana Social Brasileira, que discutiu o trabalho, há quinze anos atrás, são uma chave dentro das perspectivas sociais da igreja. Esse é um grande campo temático que merece a nossa interlocução.

Filhos - Tenho dois filhos, o Francisco, de 12 anos, e o Vicente, de 9 anos. Mais recentemente, o Scooby, o cachorro do Vicente, tornou-se parte da família. O desejo do Vicente era de que morássemos em uma casa no lugar do apartamento de hoje. Por outro lado, gosto muito de onde moro, no alto da Lucas de Oliveira, onde podemos ver grande parte de Porto Alegre, que é uma cidade que gosto muito de morar.

Esporte - Adoro correr por Porto Alegre. Todo o dia é dia de corrida. Transito pelos parques e ruas. Tenho o projeto de voltar a correr em abril a meia maratona e no próximo ano a maratona.

Livro - Tenho pensando muito no livro *A riqueza e a pobreza dos homens*, que trabalha a questão da

desigualdade, da potencialidade da população empobrecida nas reações positivas da vida.

Autor - Carlos Drummond de Andrade é sempre uma referência, uma iluminação.

Filme - Recentemente vi, até em função do trabalho, o filme *Quanto vale ou é por quilo?*, que trabalha um pouco a reflexão da questão social às avessas.

Horas Livres - Corro muito, encontro amigos. Sempre que posso agendo espaços para reencontrar amigos. Também adoro uma roda de chimarrão.

Sonho - Quero curtir cada vez mais cada momento. Temos uma vida muito corrida. Gostaria de saborear mais os momentos da vida.

Brasil - Pode ser muito melhor.

IHU - É um lugar instigador, mobilizador e investigador. Ao mesmo tempo, também, um construtor para a nossa vida.

Unisinos - É o lugar que me faz crescer. Nesses anos que estou aqui, sempre encontro algo novo. Um lugar de crescimento.